



DL-01

Ses. Esp. 08/11/13

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Srs. Deputados, Sr^{as}. Deputadas, bom-dia.

Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com o tema *A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil*, proposta por nós e homologada pelos deputados Álvaro Gomes e Joseildo Ramos, colegas nossos. Um deles é do Banco do Nordeste; o outro é do Banco do Brasil e nós somos da Caixa. A Assembleia está bem representada. Coincidentemente, para cada entidade dessa, há um parlamentar aqui em nossa Casa.

Quero, agora, dar início à sessão especial ao saudar todos os colegas e, ao mesmo tempo, agradecer, desde já, as vossas presenças que, para nós aqui no Parlamento baiano, é extremamente importante no dia de hoje. Claro, vamos discorrer sobre a importância deste tema em nossa fala como também nas apresentações de cada banco.

Espero, de forma sintética, relatar aquilo que de melhor tenha acontecido na Bahia e no Brasil. Para nós, estas entidades – Banco do Brasil, Banco do Nordeste e Caixa Econômica Federal – são os três pilares básicos de nossa economia. Portanto, jamais, devemos deixar que tais entidades sejam abaladas ou, quem sabe, haver qualquer outra provocação na história deste País de que esses bancos não possam existir, porque nós vamos mostrar as suas importâncias à Bahia e ao Brasil junto à sociedade brasileira.

Ao dar início, para compor a Mesa, convido o nobre deputado Álvaro Gomes (palmas) que, atualmente, mesmo não sendo bancário, continua a manter relações com as atividades da classe; o nobre companheiro e deputado Marcelino Galo (palmas), também, mesmo não sendo bancário, tem a sua base relação com os bancos principalmente na área rural; o Sr. Vice-Presidente do Banco do Brasil, o ex-deputado Benito Gama (palmas); o Sr. Consultor da Vice-Presidência da Caixa Econômica Federal, o colega Paulo Sérgio Pithon Sarno (palmas); o Sr. Diretor de Negócios do Banco do Nordeste, Paulo Sérgio Rebouças



Ferraro (palmas), o nosso ex-superintendente; o Sr. Superintendente Estadual do Banco do Nordeste, Jorge Antônio de Oliveira (palmas); o Sr. Superintendente Estadual de Negócios, Varejo e Governo no Estado da Bahia do Banco do Brasil, Luiz Alves Pordeus Júnior (palmas); o Sr. Superintendente Regional Norte da Bahia da Caixa Econômica, José Raimundo Cordeiro Júnior (palmas); o Sr. Vice-presidente do Sindicato dos Bancários, Augusto Vasconcelos (palmas); o Sr. Presidente da Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe, Emanuel de Jesus (palmas); o Sr. Presidente da Associação de Pessoal da Caixa Econômica Federal, Moacir Carneiro (palmas); o Sr. Presidente da Associação dos Economiários Aposentados, Ademilton Ferreira Lopes (palmas) e o Sr. Diretor da Associação dos Funcionários do BNB, Geraldo Galindo (palmas).

Nós sentimos a ausência de alguém representando os servidores dos Banco do Brasil. Mas, na Bahia, não há representação. E do Banco do Brasil, em nível de Brasília, o seu representante não pôde comparecer infelizmente. Mas sei, aqui, das presenças de vários gerentes e de vários servidores do Banco do Brasil que vão estar, com certeza, também, representando a categoria trabalhadora dos nossos bancos.

Pelo que vocês já viram, não há nenhuma mulher na Mesa. Contudo, o envio de representantes dessas entidades é por escolha dos próprios bancos que coordenaram. No entanto, este é um momento em que as mulheres tomam espaço não só no Brasil mas em todo o mundo. Quero dizer a todas vocês, mulheres, presentes neste plenário, que se sintam contempladas. Ressalto, contudo, o fato de que a escolha não foi por gênero, mas por representatividade das superintendências de cada banco e dos servidores de cada banco. Lamentamos esta coincidência. Mas o importante é que vocês estejam aqui entre nós. Está bem?

Convido para compor a Mesa e neste momento presidir esta sessão, para que possamos usar a palavra, o deputado Álvaro Gomes.

(O deputado Álvaro Gomes assume a presidência dos trabalhos.)



7600-III

Ses. Esp. 08/11/13

Or. Carlos Brasileiro

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao deputado Carlos Brasileiro, proponente da presente sessão. (Palmas!)

O Sr. CARLOS BRASILEIRO:- Sr. Deputado Álvaro Gomes, que neste momento preside esta sessão especial, de grande importância para esta Casa e os colegas que se fazem presentes, queria dizer que esse nobre deputado conheci já na lida dos movimentos em defesa dos bancários. Tive a oportunidade de chegar até aqui e, mais próximo, conhecer também a grandeza do seu trabalho nesta Casa não só para a luta de todos os bancários - porque a origem dele, acredito, veio do sindicato -, mas também para as instituições que estão sendo homenageadas neste evento, além de outras categorias e outras áreas do Estado da Bahia, pela sua determinação.

Álvaro aqui, às vezes, é chamado como o cabra birrento que não deixa ninguém perceber a ausência dele. Dificilmente ele não está quando chegamos para confirmar a presença na Secretaria da Mesa. Costumo chegar às 8h10min., 8h15min., 8 horas, mas nunca cheguei primeiro que Álvaro. Fico com essa preocupação. Vou tentar ver se acordo às 6 horas para ganhar dele algum dia, porque é o primeiro a chegar e nunca deixou de usar esta tribuna estando presente à Assembleia. Por isso, queria valorizar o companheiro Álvaro.

Quero saudar o nobre deputado Marcelino Galo, companheiro do Partido dos Trabalhadores, feliz também por estar junto dele, conhecer a sua trajetória e vê-lo também aqui a todo instante inquieto. Dirige Comissões, é suplente de outras e sempre está neste Parlamento brigando pela melhor qualidade de vida dos baianos, em especial daqueles que mais necessitam. E também ainda mais individualmente, falando por categorias, luta sempre pelas do homem do campo, dos sem-terra, das comunidades de fundos de pasto, dos indígenas, dos quilombolas. Obrigado por ter vindo, companheiro Marcelino.



Saúdo o vice-presidente de Governo do Banco do Brasil, ex-deputado Benito Gama, pois nos honra muito a sua presença. Ele tem neste Estado uma história política fantástica, de grandes resultados e contribuições, e agora está ocupando esse cargo. Espero, tenho convicção de que o senhor, ao olhar os números do BB, que são extremamente favoráveis - por isso, estamos igualmente na defesa dele -, poderá carrear vários recursos para a nossa Bahia em todas as áreas. E que as pessoas esperem cada vez mais um crédito em condições mais favoráveis de pagamento, principalmente os pequenos produtores e os pequenos empreendedores.

Sr. Consultor da Vice-Presidência de Governo da Caixa em Brasília, Paulo Sérgio Sarno, meu colega, que bom você, que chegou a participar de algumas mesas na construção disso, estar vendo que valeu a pena, com o nosso Plenário cheio. Não é fácil trazer as pessoas a este Plenário. E vai uma crítica muito construtiva: o povo na rua cobra muito do Parlamento, dos homens públicos. Mas, quando eles convidam os cidadãos para determinadas ações, estes se omitem, se afastam, não vêm respirar isto aqui: a Casa de todos nós, a Casa da democracia, a Casa que - bem ou mal - constrói as leis, reforma as leis. E através delas é que vamos trazer o bem ou o mal para as pessoas que esperam o melhor de todos nós. Então, por isso, cada vez que se vê a presença de um cidadão de bem em Plenário ou participando nas Galerias, isso é importante porque estará com um olhar para nós, de forma mais aguda, para podermos aprovar leis que venham trazer o bem; jamais, o prejuízo para o cidadão.

Quero saudar o diretor de Negócios do Banco do Nordeste, Paulo César Rebouças Ferraro, que já foi superintendente do banco aqui na Bahia. É bom tê-lo aqui, Ferraro. Louvamos o seu trabalho lá em Fortaleza. E, assim como falei ao Dr. Benito, você está em Fortaleza, uma cidade maravilhosa, e você tem de curtir seu lazer. Contudo, quando você estiver entre as quatro paredes, lembre-se, sempre, da Bahia e canalize os recursos para as nossas agências, principalmente neste momento de estiagem e de crise.

Sei que todos os bancos participaram disso, principalmente os Banco do Brasil e Banco do Nordeste de forma contundente. A Caixa, agora, está chegando ao campo rural



para a nossa alegria. Como servidor da Caixa, eu estou muito feliz de a Caixa estar adentrando a esta área. Acho que as mãos juntas vão contribuir ainda mais para que o nosso País se desenvolva, pois desenvolve-se chegando recursos com praticidade e com juros módicos para aquele homem do campo que tem gerado uma parte importante da riqueza do nosso País.

Sr. Superintendente Regional da Caixa Econômica na Bahia, Zé Raimundo, colega que, agora, está em Feira de Santana. Zé é um andarilho danado. Agora, sediado em Feira, ele está ajudando a nossa região do semiárido e, em especial, a região de Senhor do Bonfim, pois o banco tem feito grandes investimentos, também, na área de habitação. Receba o nosso muito obrigado por ter vindo e pelo que está fazendo pelo semiárido da Bahia.

Sr. Vice-Presidente do Sindicato dos Bancários, Augusto Vasconcelos, que bom tê-lo aqui. Fizemos questão de, em uma sessão especial como esta, trazer não só os representantes dos bancos mas também trazer os representantes de entidades das classes organizadas da nossa categoria, até porque o momento é de comemorar. Todos aqui somos servidores da Caixa, do Banco do Brasil e do Banco do Nordeste.

Independente da posição que se ocupe em cada unidade bancária, acredito que cada um quer o melhor de cada entidade dessa e, conseqüentemente, quer o melhor para o nosso estado e para o Brasil. Por isso, não vejo a Caixa, o Banco do Brasil e o Banco do Nordeste separados das entidades que nos representam. Conseqüentemente, as outras lutas são legítimas. Mas o momento é o de congraçarmos e estarmos aqui a valorizar estes três bancos importantes para o nosso grande País.

Sr. Presidente da Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe, Emanuel de Jesus, é uma surpresa tê-lo aqui. Desculpe-me, não estou acompanhando muito esta movimentação. Mas pensei que você já tinha se cansado, rapaz, de estar na linha de frente. Vejam, desde que adentrei à Caixa em 1982, já se vão 31 anos. Desde essa época, Emanuel já estava, ali, na linha de frente. Hoje, ele está mais moderado e já está entendendo a importância das coisas. Mas a história é feita assim, não é Manoel? Primeiro, tem de resistir e tentar transformar a cabeça de muitos outros. Inclusive, ressalte-se, nós ajudamos a transformar, como dirigentes



de nossos bancos, as relações interpessoais. E, hoje, vemos que a relação já não é tão separatista como era há 25 ou 30 anos. Seja bem-vindo, Emanuel.

Quero saudar o presidente da Associação da Caixa, Moacir. Seja bem-vindo e muito obrigado pela sua presença. É muito bom ter vindo. Temos acompanhado o seu trabalho junto à APCEF – Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal. Em breve, haverá outra disputa por aí. Já estou sabendo.

Adilson está ali. Me permitam me dirigir a ele, pois ele é um companheiro de longas datas, colega da Caixa e, também, gosta de militar. Só não sei se estará junto com Moacir. Espero que sim. Vamos ver.

Sr. Presidente da Associação dos Economiários Aposentados, Sr. Ademilton. É bom tê-lo aqui, pois o senhor tem um papel importante na Caixa. Acredito que os outros bancos, também, tenham representações de aposentados. A maioria de todos nós tem representação. Digo isso até porque em qualquer categoria, até aqui no Plenário, há os bons e os melhores e, também, há os que não são bons nem melhores. E, assim, também, é em nossa vida funcional. Mas os aposentados, com certeza, em sua grande maioria, contribuíram muito para que o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e o Banco do Nordeste chegassem, hoje, ao patamar de serem as três entidades mais importantes do mundo.

Então, num passado não muito distante, os aposentados não eram valorizados e não tinham o conhecimento de determinados direitos. Hoje, graças a Deus, pelas lutas, estamos conseguindo.

Sr. Diretor da Associação dos Funcionários do BNB, Geraldo Galindo. Volto a repetir, lamento que alguém do Banco do Brasil não tenha vindo, mas sei dos compromissos que todos têm.

Pedi à minha assessoria, diante de alguns dados que passei, que escrevesse algumas coisas sobre os bancos para eu falar aqui, mas vou pedir licença a vocês para não ler nada do que foi escrito. Acho que as três instituições têm mais a dizer com as falas que vão acontecer aqui – e as falas são de prioridade de quem está na Mesa, mas não impede que



qualquer um de vocês que estão no Plenário possam se pronunciar, desde que seja por 3 minutos no máximo. Sei que é uma sexta-feira, há compromissos nas agências e também é véspera de um sábado, mais tarde todo mundo vai para seu lazer, e não vamos ficar aqui até uma, duas horas, mesmo sendo importante esta sessão.

Mas o nosso chamamento para esta sessão é no sentido de valorizar três instituições que hoje são sustentáculo do desenvolvimento econômico e social da Bahia. E chamamos aqui para, nesta oportunidade, dar mais um recado aos homens públicos deste País, os neoliberais, que num passado não muito distante tentaram liquidar essas três instituições. E hoje elas mostram suas capacidades, suas envergaduras para o Brasil e para qualquer lugar aqui da Bahia.

Vivemos essa dura realidade quando o ex-presidente FHC foi pressionado a privatizar os nossos bancos. Sabemos que temos dificuldades ainda, sabemos que precisamos avançar não só na garantia dos direitos dos trabalhadores como também na conquista de melhores condições de trabalho, mas é inegável o que esses bancos fazem no Brasil. Seria bom que outros países tivessem instituições tão sólidas, tão representativas e com ações tão concretas, com resultados tão objetivos, digo os outros países do hemisfério Sul em especial, já que temos um continente que possui ainda o maior número de pessoas necessitadas, pessoas passando fome, que não têm crédito disponível quando querem produzir no campo e gerar emprego na zona urbana. Acho que precisamos sempre estar alertas.

Hoje, o modelo capitaneado pelo presidente Lula defende a manutenção e o fortalecimento dessas três entidades. Nossas eleições são de quatro em quatro anos, e nós sabemos que o outro lado da moeda, da política brasileira quem tiver uma oportunidade... Talvez agora com menos intensidade, justamente fruto do trabalho de cada um de vocês e dos companheiros que aqui não puderam estar, deram um recado já com muita substância.

Difícilmente a sociedade brasileira vai acatar ou entender o outro processo de privatização. Mas nunca podemos descansar e desconsiderar essa possibilidade. Há uma clareza tão forte dos dois modelos, há uma diferença entre os dois modelos, e isso nos faz



sempre estar refletindo sobre o que queremos para o Brasil, o que queremos para a Caixa, para o Banco do Brasil e para o Banco do Nordeste.

Por isso vou deixar que os números, que as ações, que os objetivos traçados para dois, três, quatro anos, ou para 10 anos, dessas três instituições fantásticas do nosso País sejam apresentados pelos representantes de cada instituição. Mas me sinto muito feliz de tê-los aqui, de ser um servidor público da Caixa Econômica Federal e de compartilhar com os colegas do Banco do Brasil e do Banco do Nordeste dessa alegria de sermos servidores desses três bancos e sabermos que a nossa missão tem tido resultados e contribuído para que tiremos de qualquer rincão deste País pessoas que antes não eram enxergadas por nenhum homem público, nenhum modelo de governo. Mas hoje estão sendo vistas bem de perto quando chega o crédito rural, o crédito imobiliário, o crédito do empreendedorismo.

Por isso, parabéns a todos vocês! E que continuemos com esse sentimento, essa visão, essa reflexão contínua de que nós temos de estar na defesa dos bancos federais, porque eles, sem sombra de dúvida, são motores de desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

Muito obrigado por terem vindo. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



7601-III

Ses. Esp. 08/11/13

Or. Benito Gama

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao vice-presidente de Governo do Banco do Brasil, Benito Gama.

O Sr. BENITO GAMA:- Bom-dia, senhoras e senhores.

Sr. Deputado Carlos Brasileiro, que preside esta sessão, deputados Álvaro Gomes e Marcelino Galo, que prestigiam os bancos federais aqui neste momento desta reunião tão importante, meus colegas diretores do Banco do Nordeste e da Caixa Econômica, Ferrarra, nosso diretor, acho que o decano dos baianos em bancos federais, companheiros do Banco do Brasil, meus colegas, mesmo que temporários, saúdo a todos.

Meu caro deputado Carlos Brasileiro, quando o BB recebeu o convite para estar nesta sessão, e o presidente Aldemir Bendine pediu que eu o representasse porque ele tinha compromisso em São Paulo nesta sexta-feira, indelegável, vim com muito orgulho. Primeiro, como baiano, muito orgulho pela Bahia e muito orgulho pelo Banco do Brasil, por estar participando realmente da administração de um banco que junto com a Caixa Econômica e o Banco do Nordeste verdadeiramente formam um tripé da maior importância na economia brasileira.

O Banco do Brasil, a Caixa e o Banco do Nordeste convivem, como disse desta tribuna o deputado Carlos Brasileiro, numa economia capitalista aberta. E convivem com todos os bancos do mundo, com toda a economia do mundo e até com economias mais fechadas, como é o caso da China, que não é uma economia de mercado. Mas o Brasil tem realmente uma significação muito importante, assim como os bancos federais são muito importantes. E o Banco do Brasil, nesse caso, é também muito maior.

Então, o orgulho que tenho hoje de participar dum banco público como o BB. Não um banco público, mas de economia mista, e o governo federal é o acionista majoritário com 60%. Tal situação me dá as condições para vir a uma reunião como esta fazer um debate



sobre economia baiana, economia brasileira e economia mundial, porque o que significa este banco para a Bahia, o Brasil e o mundo?

O Banco do Brasil atualmente administra um ativo de 1 trilhão e 200 bilhões de reais. É o maior banco da América Latina, é a 118ª empresa do mundo, tem 120 mil funcionários, mais da metade dos funcionários públicos do Estado da Bahia. E é hoje, em 16 estados brasileiros e vários municípios, incluindo as capitais, o maior banco que opera o crédito agrícola no Brasil e também no mundo. O BB realmente tem uma governança corporativa fantástica.

Ele apresentou ao País e ao mundo um lucro de 10 bilhões de reais no primeiro semestre, o que foi realmente um significado importantíssimo do que é a gestão cooperativa, do que é a competência dos funcionários do banco quando, realmente, ele é qualificado, é preparado para exercer as suas funções e coloca o Banco do Brasil, realmente, na vanguarda da economia não do Brasil, como eu disse, mas na economia mundial.

E isso me dá orgulho, como vice-presidente do Banco, me dá orgulho, hoje, como baiano, mas me dá orgulho muito também como brasileiro, saber que tem uma empresa como o Banco do Brasil que, junto com nossos companheiros do Banco do Nordeste e da Caixa Econômica Federal, faz com que possamos compartilhar esse sucesso, que é competir com os bancos privados.

E olhem que esses três bancos, e mais os outros bancos: o Banco da Amazônia, o Banrisul, no caso do Rio Grande do Sul, e o Banese, em Sergipe, que é um banco oficial, são poucos bancos dos estados hoje que existem, mas é com muito orgulho, porque competir com os grandes bancos privados, com capital privado é uma prova de competência, realmente, entre aspas, é uma prova que você está altamente preparado e qualificado para competir. Um banco como a Caixa Econômica, Banco do Nordeste, Banco do Brasil que competem com essa grande rede de bancos privados, não do Brasil, mas do mundo, realmente podem se orgulhar de que têm funcionários altamente qualificados e tem uma gestão altamente qualificada para esse trabalho.



O Banco do Brasil, hoje, está em 25 países, para os senhores terem uma ideia, e inclusive nos Estados Unidos, começando agora, realmente, uma operação maior. Hoje é um dos maiores bancos na Argentina, que é a maior parceira nossa na América do Sul, na América Latina também, e ele está espalhado em 25 países. E isso dá um orgulho, mas dá, também, muita responsabilidade para quem faz o banco.

No meu caso, por exemplo, aqui hoje estão os colegas do banco, eu chamo de colegas, porque não sou estatutário, mas sou nomeado, hoje no banco eu sou hóspede, eles que são os donos do banco, os donos da Casa são eles, o superintendente, eu sou um hóspede e sou um hóspede-nota-promissória, tenho prazo para vencer, eles não, o prazo deles são os 35 anos, quando a Previ não chama antes para a aposentadoria.

Então, eu quero, com essa palavras, dizer do grau de importância dos bancos públicos brasileiros, numa economia altamente globalizada, altamente competitiva, e os bancos brasileiros públicos entram na competição e vencem. Os lucros, os trabalhos, inclusive a captabilidade dos bancos no Brasil é um sucesso, faz parte do sucesso de uma rede não somente social, mas de uma economia privada em todo o Brasil.

Eu trouxe aqui, e o Banco preparou, uns dados, e vou fazer questão de pedir permissão ao presidente para expor esses dados, porque é muito importante a troca de informações, os do Banco do Brasil já conhecem as informações, mas a Caixa Econômica e o Banco do Nordeste talvez ainda não, e nós também queremos conhecer os dados da Caixa e os do Banco do Nordeste.

Então, eu pediria permissão para entrar agora com detalhes de alguns números que eu, realmente, gostaria de apresentar, dando crédito total aos funcionários do banco, que não é que prepararam o relatório, prepararam o resultado do relatório, isso é que é muito importante, porque relatório, hoje, qualquer planilha do Excel, do Word faz qualquer relatório, mas no caso aqui, eles, do banco, é que fizeram com que esses dados do Excel e do Word fizessem acontecer.

(Apresentação de slides.)



O banco, além da parte da economia privada, participa em vários setores. Em todo o Brasil o banco está em aproximadamente 10 mil, nós temos 5 mil e 600 municípios, aproximadamente, e o banco está em pouco mais de 10 mil pontos, incluindo aí o Banco Postal e os postos bancários; não é somente agência, mas em 10 mil pontos do Brasil o Banco do Brasil está presente.

Nos dados sociais, nós temos 36 milhões de brasileiros que deixaram a extrema pobreza e se incorporaram na economia, e esses também incorporaram nos bancos e são potenciais clientes dos bancos, o que faz com que os bancos participem não somente com a cooperação social, mas também como parceiro na economia, financiando as pessoas que entram na economia.

Tem 1 milhão de moradias, esse consumo das famílias cresceu nos últimos anos, e os bancos foram fundamentais no financiamento da produção desses bens de consumo: avião, automóvel, agricultura, etc.

Houve uma expansão, nos últimos 10 anos, de 16,4% do volume de crédito na economia, do Sistema Financeiro Nacional. A questão do desemprego, de 4,6%, o Brasil, hoje, tem o menor desemprego dentre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos. É praticamente o pleno emprego. Quando se têm 4,6% de desemprego, e aqui há vários economistas que sabem disso, diminuindo-se 2% das pessoas que estão mudando de emprego, ficam 2,6%. Às vezes esses 2,6% são aquelas pessoas que estão de licença, recebendo seguro-desemprego ou algum outro tipo de coisa. Então, há praticamente o pleno emprego no Brasil.

Um percentual de 4,6% de desemprego significa que há praticamente o pleno emprego num país do tamanho do Brasil, com 200 milhões de brasileiros. Isso realmente é uma coisa muito forte. Quando vamos ao exterior fazer uma explanação ou apresentação sobre esse assunto, é um orgulho muito grande falar dos baixos índices de desemprego no Brasil, inclusive quando comparamos esses índices com os de países que conhecemos e convivemos, como Portugal e Espanha. Na Espanha, por exemplo, chega a 25% a taxa de



desemprego, e 40 % dos jovens estão desempregados. É muito dolorosa, é muito difícil essa convivência social num momento econômico e político como esse.

A missão do banco é ser rentável e competitivo, aquilo a que me referi anteriormente. Não se pode deixar de ser um banco competitivo, um banco administrador de recursos públicos e privados, para ser doador de dinheiro. Doação de dinheiro é política pública através do orçamento da União, do orçamento dos estados e do orçamento dos municípios. O orçamento de banco é para ser banco, não que seja com usura, mas que seja para ser um banco competitivo, tendo a sua função de banco rentável e que promove o desenvolvimento sustentável do Brasil. Então, cumprir a função pública com eficiência é realmente a grande bandeira do Banco do Brasil e ele vem cumprindo isso com muita determinação.

Aqui vemos um grande exemplo da função pública do banco: no Ciência sem Fronteira, hoje temos quase 4 mil e 600 cartões, que são nossos cientistas que estão fora do Brasil. Quando foi criado o programa, houve um grande problema no mundo todo com nossos cientistas brasileiros, uma coisa aparentemente pequena, mas profunda. Quem viaja sabe o que é isso. A pessoa chega a um país para estudar, e o hotel não aceita o cartão de crédito, o hotel não tem a reserva, e a pessoa não tem onde comer, porque faltou essa montagem de estrutura. E o Banco do Brasil chegou realmente no momento oportuno, com uma velocidade fantástica e conseguiu resolver esse problema.

O Banco tem hoje 12 bilhões de operações contratadas do Fies. O Fies é uma carteira nova do Banco, o antigo crédito educativo. A Caixa Econômica é o grande aplicador do Fies. E o Banco do Brasil entrou com uma operação muito forte nessa área de financiamento da educação.

O Projovem é para o segmento da classe média, para o jovem e adolescente, e tem funcionado muito bem. Há o Pronatec, um projeto de governo, mas significa basicamente a transição do Bolsa Família para o emprego qualificado, o emprego da pessoa preparada. O Banco do Brasil tem feito com muita pressão.



O Programa Minha Casa Minha Vida, tanto a urbana quanto a rural, que era uma exclusividade da Caixa Econômica quando começou, é hoje o maior programa do Brasil em termos de investimento. A Caixa Econômica lidera isso com muita proficiência, e o Banco do Brasil entrou nesse processo. Já temos 134 mil unidades financiadas. O Banco do Brasil quer estar nesse mercado, mas não quer competir com a Caixa Econômica, nem irá, porque a *expertise* da Caixa Econômica é muito forte e seguramente vai liderar esse processo.

O Pronaf é um programa econômico, mas muito social, tem 1 bilhão e 700 mil operações só em 2012. Pronaf é a operação da agricultura familiar. Particularmente não gosto de adjetivar a agricultura. Acho que a agricultura é uma só, da familiar até o maior agronegócio do Brasil, tudo é agricultura. É a minha avaliação, é uma questão pessoal, um conceito meu, pessoal. O Pronaf tem um significado social bem maior que outros programas sociais do Brasil. Além do financiamento, ele financia a produção, a comercialização, emprega pai, mãe, filho e tem uma função extremamente importante que é a de segurar as pessoas no lugar onde nascem, crescem, estudam, moram e convivem. O lugar das pessoas viverem é onde nascem, estudam, têm os colegas e a família. A estação rodoviária dos municípios e as estradas não são feitos para os filhos virem para a capital, são feitos para você fazer a transição normal de país, de cidade, de estado, mas você tem que fazer as estradas e tudo isso, e políticas com o Pronaf que fortalecem essa posição.

A questão social também de participação na questão do combate à droga, o banco entra com um patrocínio muito forte. A Fundação Banco do Brasil hoje é muito presente. O programa de aquisição de alimentos é outro momento importante com a parceria do Ministério de Agricultura e a Conab onde há realmente a velocidade entre você produzir, colher e chegar no consumidor. O Banco do Brasil cumpre bem essa missão, é uma parceria muito forte com o Ministério da Agricultura e sobretudo com a Conab.

O programa de microcrédito é outro programa também, meu caro Ferraro, copiado do Banco do Nordeste, não queremos competir com o Banco do Nordeste, queremos apenas usar a capilaridade e a *expertise* do banco. Onde tem uma agência do banco, onde tem uma bandeira do Banco do Brasil nós podemos oferecer também o microcrédito. Mas a maior



experiência de microcrédito no Brasil e no mundo talvez, depois do Paquistão, acho que é o Paquistão, o Banco do Nordeste do Brasil hoje é o grande exemplo para todo o mundo.

Então, o Banco do Brasil está buscando essa *expertise*, formando inclusive agora agentes econômicos, comunitários, porque com 10 mil pontos de atendimento em todo o Brasil, é uma pena o banco não entrar em programas sociais que outros bancos já entram tão bem em determinadas regiões, como é o caso do Nordeste.

O Viver Sem Limite é outro programa social extremamente importante. A parceria com o Incra e o Ministério do Desenvolvimento Agrário é muito forte. No FAT – que é o Fundo de Amparo ao Trabalhador – estamos com uma aplicação esse ano de 5.7 bilhões em linhas de créditos. Essa é a posição do banco em termos do Estado da Bahia, estamos em todos os municípios do Estado, exatamente todos. São 5 mil e 400 empregos diretos, 2 mil e 600 estagiários, 8 superintendências regionais, 376 agências, mais os postos de atendimento, 891 pontos de atendimento, 473 do banco postal e mais do Banco do Brasil, 885 outros correspondentes bancários que é outro ponto importante, é uma questão que todos os bancos têm, mas é muito importante, e 2 mil 922 terminais de autoatendimento.

Essa é uma malha que nenhum banco, nenhum estado, nenhum país pode deixar de usar essa máquina que já está montada, está paga, todo mês o banco paga para que essa máquina funcione, se não pudermos chegar aos serviços prestados tanto na área econômica como na área social, como na área política do ponto de vista de políticas públicas. Quem tem uma estrutura como essa num Estado como a Bahia não pode realmente deixar de usá-la em todos os segmentos possíveis. E aqui no Estado o Banco é o banqueiro do Estado, o governo do Estado tem o Banco do Brasil como seu banqueiro.

São 466 mil servidores entre estados e municípios. E temos hoje, meu caro Carlos Brasileiro, 21 bilhões de investimentos do banco aqui no Estado da Bahia. Só para se ter uma ideia, o Estado quando faz um investimento público em termos de 3 bilhões, 4 bilhões de investimentos com recursos próprios, o banco muitas vezes faz investimento de 21 bilhões por ano na economia da Bahia. É realmente uma questão muito forte. Em pessoas físicas, 5.4; na empresa, 10.6; e no agronegócio, 4.8 bilhões.



O agronegócio é fundamental porque o Plano Safra do Brasil é operado, são 70 bilhões esse ano, a safra desse ano, e o Banco do Brasil opera quase 60% do Plano Safra. Então, R\$ 42 bilhões hoje são aplicados na agricultura, na pecuária, no setor do agronegócio no Brasil, é com o Banco do Brasil. E aqui na Bahia temos um grande exemplo que fica no Oeste da Bahia. O Oeste da Bahia hoje é Banco do Brasil. Desculpe a Caixa Econômica, desculpe o Banco do Nordeste, claro que temos o FNE no Banco do Nordeste, a Caixa Econômica também com os seus programas de investimento, e a Caixa entra agora também no agronegócio. Mas o Oeste da Bahia realmente é o fruto de políticas públicas bem determinadas de empresários ousados e de um banco que chegou realmente para financiar a agricultura, também com muita ousadia, o que está dando resultado.

Estão aí essa nova fronteira da soja na Bahia, a nova fronteira do algodão – hoje somos o segundo maior produtor de algodão do Brasil, principalmente ali em Roda Velha, no Oeste baiano. Enfim, além da pecuária e de todos os produtos que nós financiamos, o Banco do Brasil também tem uma presença muito forte na agricultura.

O Plano Safra deste ano foi lançado dia 1º de julho, às 10 horas da manhã, em Brasília. Às 4 horas da tarde já havia quase 5 mil operações feitas com o Plano Safra, só na rede do Banco do Brasil. Esse é um fato novo, aparentemente insignificante, mas é muito forte porque há cinco, seis, sete anos, a primeira operação do Plano Safra era feita 60, 90 dias depois de ser lançado em Brasília. Às vezes, quando passava a chuva, passava o momento de plantar, o produtor ainda não tinha o financiamento.

(Apresentação de *slides*.)

São os indicadores da Bahia... A questão de financiamentos de ônibus escolares, ensino superior, estações digitais.

A Fundação Banco do Brasil e o Banco do Brasil, participam muito na parte cultural. Eu penso que o Centro Cultural do Banco do Brasil – que tem no Brasil um significado muito forte –, deve entrar agora com mais força na Bahia também, porque financiamos atividades culturais. O banco inaugurou, no mês passado, em Minas Gerais,



Belo Horizonte, o CCBB, em Belo Horizonte, um prédio extremamente interessante, Já tem no Rio e em São Paulo, e chegará aqui no Nordeste também.

Na questão do esporte – vou falar pelo Banco do Brasil, depois a Caixa Econômica e o Banco do Nordeste falam. Estou com dificuldade porque somos parceiros, amigos e companheiros de todos –, mas é que o Banco do Brasil participa em quase todas ou todas as atividades. Na parte esportiva, o banco elegeu o vôlei como seu nicho de mercado, como a Caixa está no futebol. O Banco do Nordeste, eu não lembro.

O Banco do Brasil esteve presente em toda a história positiva do vôlei brasileiro. Isso é muito bom, porque os resultados práticos e estatísticos apresentados – o que vale até uma apresentação específica sobre isso, aqui ou em outro local –, traduz a força do Banco do Brasil, que valoriza e coloca os jovens brasileiros no esporte, levando à conquista de medalhas de Olimpíadas e de outros eventos internacionais. O banco foca na questão do vôlei, teve uma pequena participação na área de tênis, participa na área de esporte como um todo, mas o foco é o voleibol, inclusive o vôlei de praia.

Já me referi à questão do projeto Minha Casa Minha Vida. Temos R\$ 565 milhões para fazer investimentos aqui na Bahia. O projeto Minha Casa Minha Vida é extremamente interessante, e o melhor em investimento, em geração de emprego e renda do Brasil.

O Banco do Brasil entra também na área de acessibilidade, que é muito importante. Não diria que os bancos privados não fazem isso, acho até que fazem também, mas os bancos públicos, além de terem obrigação de fazer como banco que ganha dinheiro, tem obrigação de fazer por ter o Estado brasileiro como acionista.

Há a questão da acessibilidade, à qual já me referi, a questão de emprego e renda, são dados macroeconômicos, importantes.

Quanto à micro e pequena empresa, o crédito será uma coisa muito forte no banco. Estamos nos preparando para, nos próximos 10 anos, ser o carro-chefe de geração de emprego, sobretudo na empresa familiar.

O desenvolvimento sustentável é uma política mundial, hoje, não só do banco. Tem o Pronasci, ao qual já me referi. No Água para Todos, este ano, na Bahia, o Banco do



Brasil, através da Fundação, 60 mil cacimbas. A meta do programa nacional era de 200 mil; a da Bahia, 60 mil. E aqui foi cumprida. Aliás, a meta não foi cumprida. Eram 60 mil, até o dia 30 de junho, e fizemos 60 mil e 6 unidades.

Infraestrutura, saúde e segurança. O Banco do Brasil entrará muito forte no financiamento da infraestrutura brasileira, porque o banco financiava e financia a agricultura, a indústria e o comércio, mas sobretudo a agricultura, e não financiava a infraestrutura, ou seja, as estradas, os armazéns, os portos, os aeroportos. Agora, o banco entrará nessa área, porque tem que financiar a produção, armazenar, transportar e colocar dentro do navio. Infelizmente, hoje, no Brasil, os grãos estão sendo depositados em carroceria de caminhão. E esse não é o lugar de armazenar grãos, mas sim em armazéns próprios e qualificados tanto na produção como nos portos. O banco está entrando muito forte nessa área de armazéns, tanto nos da Conab, que são públicos, como em financiamento de armazéns privados.

O projeto, este ano, é financiar 5 bilhões por ano, durante 5 anos. Então, o Banco do Brasil financiará 25 bilhões em 5 anos em armazéns não somente públicos, mas sobretudo privados, com 15 anos de prazo, 3,5% de juros ao ano, sem mais nenhum acréscimo, com 3 anos de carência. Esse é o grande projeto de armazenamento no Brasil. E mais a infraestrutura da mobilidade urbana, o Provias com financiamento aos municípios, segurança, saúde, ciências e tecnologia.

O banco assinará dentro de mais algumas semanas – não marcarei o dia agora –, com o governador do Estado, Jaques Wagner, um programa de 1,125 bilhão, dos quais 760 milhões são somente para segurança pública. O banco também está financiando programas nessa área de segurança pública. E a Assembleia Legislativa já aprovou esse programa, que agora será assinado.

O banco também está entrando nessa área de infraestrutura, com os aeroportos. A ideia é fazer agora 20 novos aeroportos de porte médio no Brasil todo. Por exemplo, na Bahia, os aeroportos não estão credenciados para trabalhar à noite. Aqui, só os de Ilhéus e Conquista funcionam à noite; o de Barreiras só quando se pede. Agora a Bahia terá



aeroportos de porte médio funcionando 24 horas por dia. Esse é um programa, com o qual a presidente Dilma tem todo carinho e faz muito esforço para que o banco e os agentes que trabalham com essa questão não atrasem esse projeto.

Finanças públicas do Estado, ISS, mas não é mais banco...

Financiamos estados e municípios na gestão tributária nas áreas de educação e saúde. O banco entrará com PPP na área de saúde para estruturar e financiar a operação de hospitais no Brasil como um todo. Na Bahia, deverá haver algumas PPPs na área de saúde, em municípios importantes, como, talvez, Feira de Santana, Alagoinhas, Conquista, Barreiras e alguns do Extremo Sul. É o público-privado nesse segmento.

Desculpe-me por passar do tempo, Sr. Presidente, mas fiz questão de mostrar esses dados porque são muito importantes. A operação diária de qualquer banco, tanto público quanto privado, às vezes é uma máquina de moer carne. Todos os dias a pessoa chega ao banco e já encontra a mesa cheia de problemas e, quando sai à noite, já vai pensando no outro dia. E não mostra exatamente o que é o significado de uma estrutura como essa – seguramente a Caixa e o Banco do Nordeste também – para a sociedade e para a economia como um todo, e a geração fantástica de emprego que tem. Você entra em um banco público hoje em melhores condições do que você encontra em um banco privado. Este realmente é muito neutro. E o banco público, embora seja neutro, competitivo e profissional, ele realmente tem uma característica muito forte, que é a característica social.

O Banco do Brasil tem também uma característica importante que é o voluntariado, um programa social em que os funcionários do banco começam a desenvolver e participar dos eventos sociais em todos os municípios brasileiros. A cada dia, a cada semana, a cada mês, os funcionários do banco participam de uma ação social, ou individual ou com o município ou com o próprio Estado, mas, sobretudo, uma ação social de voluntarismo que eu considero muito importante, que é uma remuneração para nossa vida quando participamos como um todo.

Para concluir, gostaria de dizer que o Banco do Brasil trabalha e administra vários fundos no Brasil, tendo inclusive o maior deles. O Banco do Nordeste tem o FME, mas o



Banco do Brasil opera também o FCO, que é o FME do Banco do Nordeste no Centro-Oeste brasileiro. O FCO é um fundo constitucional, como é o do Norte e Nordeste, e o Banco do Brasil o opera, inclusive na área de governo, área que atuamos. Isso funciona no Centro-Oeste com uma velocidade muito grande, o Banco do Nordeste tem uma grande expertise.

Me orgulho muito disso, meu caro Ferraro. Fui constituinte quando ainda era bem jovem, e fui o autor dessa emenda que criou os fundos constitucionais. Isso para mim é algo que muito me orgulha porque, hoje, 25 anos depois, vejo que na prática funcionou.

O banco trabalha com o FCO, trabalha com o Fundo da Marinha Mercante, que é outro fundo gigantesco para financiar e para nacionalizar a questão dos navios, tanto navios da área comercial quanto da área industrial, sobretudo da Petrobras e das plataformas, os navios que a Marinha mercante utiliza. Esse fundo da Marinha Mercante é muito importante.

O Banco do Brasil tem um escopo de trabalho e uma perspectiva de continuidade muito forte. Nosso lucro no semestre passado foi apenas um pequeno exemplo do que é o trabalho qualificado dessas pessoas. Agora, na última semana, a presidente Dilma assinou um decreto autorizando a participação de mais 10% no capital social de bancos estrangeiros. O banco, hoje, que tem 20% de capital estrangeiro, pode chegar a até 30%, o que, seguramente, se chegar, capitalizará muito banco para fazer investimentos internos, no nosso país como um todo e nos países em que o banco funciona com muita determinação. Hoje o banco é o parceiro que todo banco internacional quer ter. Não vou citar alguns parceiros internacionais porque não cabe nesse momento.

Quero agradecer e parabenizar pela oportunidade. O Banco do Brasil se sente muito orgulhoso pelos seus funcionários e funcionárias, pela sua direção, pelo presidente, pelo próprio ministro da Fazenda, ministro Mantega, por participar nesta Casa, na Bahia, minha terra, desse programa.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7602-III

Ses. Esp. 08/11/13

Or. Selma Santos

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Agradecemos ao vice-presidente, ex-deputado, pela sua apresentação. Já imaginávamos que o Dr. Benito levaria mais tempo, porque deu saudade do parlamento. Acostumado a grandes discursos, está perdoado.

Chamamos, agora, para um depoimento, a Sra. Selma Santos, presidente da Associação Grupo Bem Bahia.

A Sr^a SELMA SANTOS:- Bom dia a todos.

Estou aqui representando a Associação Grupo Bem Bahia. Fazemos parte de uma estratégia do Banco do Brasil, o desenvolvimento regional sustentável. Estamos nesse programa desde 2006.

Somos um grupo de artesãos que nos reunimos, fazemos feira de artesanato, temos um trabalho de extrema qualidade. Não é um artesanato muito comum, até porque não são baratos pois englobam um trabalho diferenciado, mão de obra, conhecimento. Acredito até que, por isso, o Banco do Brasil tenha-nos apoiado. Estamos nessa parceria desde então, desde 2006 já temos um longo tempo.

A partir daí, começamos todo esse processo de estratégia junto ao banco. Participamos de eventos em Brasília, estamos sempre no edifício sede do Banco do Brasil, levando o nosso trabalho, levando o nosso produto, e eu espero que isso siga por muito mais tempo.

Quero aproveitar a presença do Sr. Benito Gama para pedir que olhe um pouquinho mais para a nossa capital. Sabemos que o banco investe muito no interior, no agronegócio, mas na capital também temos um trabalho muito bom de desenvolvimento sustentável, e acredito que precisamos ter esse olhar.

Muito obrigada a todos. Bom dia. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Obrigado, Sr^a Selma.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

(Não foi revisto pelo orador.)



7603-III

Ses. Esp. 08/09/13

Or. Ademilton Ferreira Lopes

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Concedo a palavra pelo tempo de até 3 minutos – lamentavelmente temos de começar a disciplinar o tempo, porque muitos querem falar – ao Sr. Ademilton Ferreira Lopes, presidente da Associação dos Economiários Aposentados da Bahia (Palmas.)

O Sr. ADEMILTON FERREIRA LOPES:- Bom dia a todos. Srs. Deputados, Srs. Colegas de associações, Srs. Colegas do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal e do Banco do Nordeste, senhores presentes, primeiro quero parabenizar o trabalho do nosso colega e deputado Carlos Brasileiro.

Na condição de representante dos aposentados, quero dizer que nós estamos buscando ter maior interação com os problemas de participação da Caixa e do Banco Brasil na sociedade. Nós, mesmo aposentados, continuamos sendo empregados da Caixa, porque em todos os locais somos colocados como aposentados da Caixa ou do Banco do Brasil e somos cobrados por algumas questões de desenvolvimento e de participação da Caixa junto às necessidades da população. Eu gostaria de colocar para todos que temos buscado essa interação entre os nossos aposentados para a maior participação nos problemas, não só da empresa, como também dos sociais, já que estamos mais próximos da sociedade.

Quero dizer o seguinte: o aposentado não para, ele continua, Sr. Deputado, porque, hoje, estamos mais próximos da voz do povo, principalmente porque nós, não só da Caixa como de outras empresas, temos uma situação de poder de participação, porque somos jovens aposentados.

Estou vendo vários colegas nossos, ex-companheiros de trabalho. Certamente estaremos esperando por vocês na nossa entidade para engrossar a fileira e mudar uma postura.



O aposentado não se aposenta para dar as costas à empresa, ele continua sendo participante da empresa. A nossa participação é importante já que, hoje, temos um grande número de aposentados. Gostaria de colocar que temos buscado esse debate dentro da nossa associação. Gostaria que estivessem presentes outros representantes de associações de aposentados, porque precisamos estar mais interativos nas discussões e trabalhando também lado a lado. Temos certa disponibilidade para colaborar com a sociedade, e esperamos que os bancos procurem também uma política mais voltada para o aposentado, porque realmente estamos precisando.

Muito obrigado a todos.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Obrigado, colega Ademilton.

(Não foi revisto pelo orador.)



7604-III

Ses. Esp. 08/09/13

Or. Augusto Vasconcelos

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Convido para fazer uso da palavra o Sr. Augusto Vasconcelos, colega e vice-presidente do Sindicato dos Bancários.

O Sr. AUGUSTO VASCONCELOS:- Bom dia a todos e a todas. Em nome do Sr. Presidente desta Sessão, Sr. Carlos Brasileiro, deputado estadual, e do nobre amigo, deputado estadual pertencente a nossa categoria também, o companheiro Álvaro Gomes, saúdo toda a Mesa, a Federação dos Bancários, a FBNB, a Associação dos Aposentados, os dirigentes das instituições, e quero dizer que, para nós, é um momento muito importante uma sessão como esta.

É bom ressaltar que, nos dias de hoje, em 2013, é muito fácil convocar uma sessão para tratar sobre o papel dos bancos públicos no desenvolvimento do País e da Bahia. Mas nem sempre foi assim. Passamos um período importante de nossa história, especialmente nos anos 90, em que essas instituições foram colocadas em xeque, sendo pulverizadas em sua atuação. Eram bancos que tinham dificuldades, inclusive em sua administração financeira, e os trabalhadores, de fato, viveram um dos piores momentos de sua história. Com a possibilidade de privatização, a perda de emprego era uma ameaça constante para a vida funcional de cada empregado da Caixa Econômica, do Banco do Brasil e do Banco do Nordeste.

Temos muito orgulho da nossa resistência e de assegurarmos que essas instituições continuassem a serviço do desenvolvimento do País, com a maioria do seu capital votante, no caso do BNB e Banco do Brasil, ainda nas mãos da União, e no caso da Caixa Econômica, a manutenção de seu capital 100% público.

É nesse cenário que ressaltamos aspectos importantes. Essa turma que defendeu a desestatização dos bancos públicos é a mesma que ficou em *frisson* com a quebra do Lehman Brothers, em 2008, que gerou essa crise de liquidez nos mercados de capitais, provocando a



maior hecatombe financeira do capitalismo desde a crise de 1929, com a quebra da Bolsa de New York, em que os bancos públicos atuaram de maneira anticíclica.

Todos apostavam que haveria uma retração dos créditos. Os bancos privados – ainda que com as medidas anunciadas pelo Banco Central a época, como a diminuição do compulsório e o estabelecimento de novas salvaguardas para expandir os créditos – não deram conta de retomar o nível de expansão do crédito no Brasil. Quem fez isso de maneira ousada e convincente, a partir de uma decisão política, foram as instituições públicas. É bom ressaltar isso porque os bancos públicos são os únicos que possuem condições de fazer atuação anticíclica no momento em que o capitalismo entra, mais uma vez, em uma crise cíclica.

É neste cenário que os trabalhadores compreendem que o fortalecimento da instituição é também a valorização dos seus funcionários. Vivemos um momento em que os direitos dos trabalhadores da Caixa Econômica, do Banco do Brasil e do Banco do Nordeste foram detonados. Com duas resoluções do departamento das estatais nos anos 90, a Resolução nº 9 e a Resolução nº 10, editadas pelo Conselho de Coordenação e Controle da Atividade Financeira do País, os bancários perderam muito e tiveram o maior arrocho salarial de sua história. Houve congelamento salarial. Vários dos nossos colegas não aguentaram a situação de ver o seu poder aquisitivo sendo deteriorado e muitos caminharam para o suicídio. Essa foi a realidade dos anos 90. Nós resistimos a isso, enfrentamos tudo com altivez, mantivemos as instituições na rota dos bancos públicos e reconquistamos alguns desses direitos.

Aproveitando o ensejo, é bom destacar que essas instituições ainda devem aos seus funcionários a reposição daquilo que nos foi tirado nos anos 90. Precisamos colocar uma pá de cal definitiva no entulho neoliberal que prevaleceu na direção desses bancos. Hoje, travamos uma luta interna, porque há uma pressão para que os bancos públicos se tornem, cada vez mais, bancos de mercado.

Achamos importante que os bancos públicos sejam rentáveis e contribuam para o desenvolvimento econômico. Mas achamos tão importante quanto que esses bancos



continuem a serviço daqueles que os bancos privados estão rejeitando, pois não têm interesse, porque a lógica do lucro faz com que essas instituições não tenham qualquer compromisso social.

Então, é nesse cenário que saudamos a iniciativa do nobre deputado Carlos Brasileiro, meu colega da Caixa Econômica. Compreendemos a importância de espaços como este para fortalecer a convicção de que os bancos públicos voltados para o serviço do desenvolvimento passam, necessariamente, pela valorização dos seus trabalhadores, que são os responsáveis diretos pela geração dos números apontados. Mas também pela garantia de que esses bancos tenham maiores convicções em defesa do conjunto da sociedade brasileira, que é o principal destinatário das atuações dessas empresas, desses bancos que, sem dúvida alguma, cumprem papel destacado na luta pela retomada do crescimento econômico do País, para reposicionar o Brasil em outro patamar na divisão internacional do trabalho.

Muito obrigado pela atenção.

O Sindicato dos Bancários coloca-se à frente, também, desta luta, no interesse de que não só as causas corporativas sejam levadas em consideração, mas principalmente as questões institucionais do fortalecimento desses bancos tenham, também, o dedo, o suor, o sangue e as lágrimas de cada um dos empregados dessas instituições. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7605-III

Ses. Esp. 08/11/13

Or. Paulo Sérgio Pithon

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Obrigado, Augusto, pela sua fala.

Convidamos agora o colega Paulo Sérgio Pithon para fazer a apresentação da Caixa Econômica Federal.

O Sr. PAULO SÉRGIO PITHON:- Bom-dia a todos e a todas, nosso presidente, deputado Carlos Brasileiro, é uma satisfação para a Caixa estar presente a este momento de reconhecimento dos bancos públicos.

Quando conversávamos no gabinete do senhor sobre essa reunião, sabíamos que as apresentações, e aí parabenizo o vice-presidente do Banco do Brasil, seriam extensas, porque o escopo de atuação da Caixa, do Banco do Brasil e do Banco do Nordeste é extenso, de fato. Na verdade, é importante a gente frisar aqui, neste momento, não só a importância dos bancos públicos, este momento de reconhecimento desta Casa, mas também fazer uma reflexão. O País precisa avançar para um novo patamar de desenvolvimento, precisa avançar em projetos de infraestrutura, como já foi comentado aqui pelo vice-presidente do Banco do Brasil, que vai estar junto com a Caixa, que já vem atuando fortemente nessa parte de infraestrutura, mas principalmente um novo momento da sociedade civil, em conjunto com o governo federal, e os bancos públicos atuando em conjunto com a captação de recursos para investimentos e com os órgão de controle, devem partir para outro patamar para o desenvolvimento deste País.

A gente tem o Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, o Minha Casa Minha Vida, mas esses programas são o primeiro *input*, porque a sociedade brasileira vai exigir muito mais dos bancos e muito mais dos governos. A gente tem que avançar por essa linha.

Gostaria de cumprimentar: o deputado Álvaro Gomes, nosso colega bancário; o vice-presidente do governo do Banco do Brasil; o diretor Ferraro, do Banco do Nordeste,



satisfação; os presidentes e os vice-presidentes das associações e dos sindicatos; nosso colega, superintendente da Caixa do Norte da Bahia, Zé Raimundo; todos os colegas do Banco do Brasil, Caixa e Banco do Nordeste. É importante neste momento a gente sempre estar frisando, como falou Augusto, vice-presidente do Sindicato dos Bancários, sobre a importância de solidificar, dentro das políticas públicas do governo federal a presença dos bancos públicos.

Há um tempo, há mais de 10 anos, em décadas anteriores, os bancos públicos serviam, na verdade, como arcabouço de execução de políticas públicas. Eram agentes passivos, não agentes ativos dessas políticas públicas do governo federal. E, hoje, a Caixa, o Banco do Brasil, o Banco do Nordeste, estão ativos, propõem ao governo federal políticas públicas para serem executadas dentro do País. Eu acho que é esse o caminho e o posicionamento que os bancos públicos têm que manter junto ao governo federal e ter esse reconhecimento da sociedade brasileira, fazendo não só a proposição de políticas públicas junto ao governo, mas na efetividade da execução dessas políticas públicas.

Vamos passar alguns números da Caixa com relação ao Brasil e à Bahia.

Vice-presidente do Banco do Brasil, parece que quem fez o *power point* do senhor foi a mesma pessoa que fez o nosso, porque está muito parecido.

Quero frisar a importância de recursos que transitam pela Caixa, através de créditos, repasses, transferências de recursos. O orçamento de 2013 é de R\$ 2,7 trilhões, do governo federal. Citando apenas sete focos de atuação da Caixa, especificamente sobre os recursos, a gente participa de mais de 10% do orçamento do governo federal.

A nossa rede de atendimento é de 3.218 agências, hoje. Temos um plano, até 2015, de chegar a mais de 4 mil unidades. Já temos mais de 12 mil lotéricas e estamos presentes em todos os municípios do Estado brasileiro.

Investimentos de R\$ 134 bilhões, que são os repasses do governo federal, e operações de financiamento direto para Estados, municípios e entes privados para as áreas de infraestrutura, educação, desporto e vários outros investimentos.



O Programa Minha Casa Minha Vida está com quase 3 milhões de unidades contratadas. E a Caixa Econômica, hoje, tem a participação de 87%. Vice-presidente Benito, vocês estão bem, pois a Caixa tem crescido e tem de crescer, uma vez que há de estar todo mundo junto para fazer crescer este Programa Minha Casa Minha Vida.

Hoje, o Banco do Brasil já tem uma participação significativa com alguns outros bancos que trabalhavam com financiamentos de municípios abaixo de 50 mil habitantes. E, agora, a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil, também, já entraram em municípios de 50 mil habitantes. Então a gente deve estar muito mais forte perante os pequenos municípios.

Quanto ao Programa Minha Casa Melhor, a Caixa Econômica, por enquanto, opera sozinha neste programa e já tem R\$ 1,22 bilhões aplicados em móveis e eletrodomésticos dessas pessoas que receberam as unidades do Programa Minha Casa Minha Vida. E é sobre isso que eu falava anteriormente, ou seja, não é somente a necessidade de se entregar casas, pois o patamar de cobrança da sociedade brasileira já colocou a necessidade de estar mobiliando.

Mais à frente, falaremos um pouco sobre Programa Microcrédito Produtivo que, também, é a necessidade de se sair do Programa Bolsa Família para ter uma atividade econômica e gerar emprego e renda.

Quanto ao item de financiamento habitacional, temos, também, uma parte significativa. Nesta área, o Banco do Brasil vem forte participando também. Agora, no mês de outubro, fechamos com R\$ 100 bilhões este ano, ou seja, é um crescimento de 23% em relação ao ano passado. A previsão é a de fechar o ano com financiamentos habitacionais em torno de R\$ 130 bilhões.

Os programas sociais, com os repasses para o Programa Bolsa Família e para outras bolsas, chegam a R\$ 54 bilhões anualmente. Hoje, está um acumulado de R\$ 54 bilhões, mas vamos fechar este ano em torno de R\$ 72 bilhões de repasses que a Caixa Econômica faz dos programas sociais.



Quanto ao Programa Microcrédito Produtivo, na verdade, o Ferrarro sabe muito bem como trata isso, pois já está há muito tempo aqui na Bahia como superintendente. A Caixa Econômica Federal aprendeu com o Banco Nordeste. Nós temos avançado um pouquinho a carteira. E vamos fechar com um pouco mais de R\$ 1 bilhão, ainda este ano, de contratação do Programa Microcrédito Produtivo orientado.

Este *slide* refere-se ao panorama da Bahia. O orçamento do Estado é da ordem de R\$ 32,9 bilhões para 2013. Considerando-se os recursos que transitam pela Caixa Econômica Federal para a execução de programas e financiamentos, a gente tem quase 30% desse orçamento do governo estadual. Esta é uma participação, extremamente, significativa. Temos crescido com as operações.

Recentemente, tivemos, aqui, a participação, dentro da operação do metrô Salvador-Lauro de Freitas, de obras de infraestrutura e de mobilidade que o governo federal vem intensificando mais ainda. E a Caixa Econômica Federal participa muito fortemente dessas ações.

Brevemente, sairá do Ministério das Cidades mais de 1.200 projetos de mobilidade para pequenas e médias cidades. Então, este é o novo patamar de crescimento que a sociedade brasileira tem de entender, pois terá de acontecer com o Estado. O papel fundamental dos bancos é necessário para a execução dessas políticas públicas.

A nossa rede de atendimento, em 2011, aqui no estado da Bahia, deputado Carlos Brasileiro, era de 108 agências. Em 2 anos, nós dobramos a quantidade de agências aqui na Bahia. Agora, elas são 216.

Os investimentos, transitados por repasse, chegam a R\$ 8,9 bilhões. O Programa Minha Casa Melhor, aqui na Bahia, é da ordem de R\$ 116 milhões investidos. O Programa Minha Casa Minha Vida já chega a 187.366 casas. Somos o estado da Federação com o maior volume de contratações do Programa Minha Casa Minha Vida. E a Bahia ainda lidera.

O financiamento habitacional é da ordem de R\$ 2,32 bilhões de financiamentos e empreendimentos e de imóveis usados aqui na Bahia. Este é um número fantástico e só tem crescido na faixa de 30% ao ano.



Quanto aos programas sociais, a Bahia tem o maior volume do Programa Bolsa Família do País, pois transitam, aqui, algo em torno de R\$ 4,5 bilhões na economia baiana através dos programas sociais.

Este é o panorama geral de agências. Como um todo no Brasil, a Caixa Econômica Federal teve um crescimento de 12% nas agências. E, na Bahia, o crescimento foi da ordem de 23% nos últimos 2 anos. Isso demonstra a força com que a Caixa Econômica Federal entende o projeto de expansão de rede com redução da taxa de juros com o Programa Caixa Melhor Crédito.

Consequentemente, é uma participação maior dentro do mercado. Então, precisava-se expandir a rede para ter de reduzir a taxa de juros e ganhar em escala de valor de mercado. Isso porque o Banco do Brasil vem, também, na mesma linha e o Banco do Nordeste, também, com suas especificidades, vem neste processo de crescimento e abre novas frentes.

Os investimentos aqui, na Bahia, e no Brasil são muito fortes. Na verdade, de hoje até o final do ano vamos assinar na Caixa contratos de R\$ 27 bilhões para financiamento em infraestrutura. A previsão para o ano que vem é de mais de R\$ 80 bilhões só para a mobilidade urbana.

No saneamento, a Caixa participa fortemente em quase todos os projetos de financiamento aqui, na Bahia. Com a Embasa, temos um volume de R\$ 2 bilhões e 473 milhões em investimentos em saneamento.

Então, esses números do saneamento são extremamente importantes para auxiliar na questão da seca, financiando novas adutoras no interior da Bahia para levar água a municípios, como Vitória da Conquista, Irecê, que estão tendo dificuldades de abastecimento. Isso, agora, está sendo regularizado com a adutora. E os repasses dos recursos para esses projetos foram executados com agilidade pelo governo do Estado, pela Embasa e a Caixa, que teve participação significativa no repasse dos recursos e no financiamento direto à Embasa para a execução desse programa de saneamento.



Em relação à saúde, a participação nossa ainda é um pouco reduzida, porque o Banco do Brasil, normalmente, recebe recursos através de convênios, e executa esses recursos através de convênios. Normalmente, o Ministério da Saúde não repassa muito por contrato, mas a atuação tem crescido bastante e estamos operando, particularmente aqui, na Bahia, fazendo operações de crédito a pessoas jurídicas privadas que, na verdade, são as instituições filantrópicas e que tiveram uma ajuda muito forte da Caixa.

Nos hospitais aqui, na Bahia, especialmente em Salvador, e dentro da política que o vice-presidente estava falando, a Caixa já vinha atuando e a tendência é aumentar esse nível de investimento, entendendo que temos avançado em infraestrutura, em casas, mas precisamos avançar muito em saúde e educação. E é nessa frente que a Caixa também parte para poder participar com mais força dentro do mercado. E está apoiando as instituições, principalmente as filantrópicas, inicialmente, e, com certeza, as instituições privadas que fornecem saúde para o nosso Estado e nosso País.

Esta é uma obra de abastecimento de água aqui, em Salvador, e tem vários municípios vinculados. A efetividade para o resultado dessa obra é de 80% de execução, com recursos de R\$ 77 milhões. É só uma mostra do que, às vezes, fica escondido debaixo da terra, mas que precisa ter muito investimento para levar esgoto e água de qualidade, saneamento e unidades ambientalmente sustentáveis.

Despoluição da Baía de Todos os Santos. A Caixa tem investido, juntamente com a Embasa, na Bahia quase R\$ 600 milhões para o saneamento da Baía de Todos os Santos. São investimentos extremamente importantes. Só existem duas baías iguais à de Todos os Santos em todo o mundo. A ideia para se preservar esse ambiente da baía é beneficiar todas as localidades da ilha e também o subúrbio e toda a Cidade Baixa. Isso é de extrema importância para manter vivo, digamos, esse santuário aqui, na Bahia, especialmente para manter um projeto de sustentabilidade e desenvolvimento ambiental adequado.

Minha Casa Minha Vida I e II. O programa na Bahia temos Faixa I, Faixa II e Faixa III. Na verdade, a Faixa I é só para aquelas pessoas que ganham até R\$ 1.600,00, o que não é um financiamento. As pessoas fazem um pagamento mensal, que pode ser de R\$



25,00 até R\$ 85,00, e são inscritas pelas prefeituras e o governo do Estado para as unidades a serem entregues a quem tem essa renda.

Nas Faixa II e III é que há financiamento e subsídio do Minha Casa Minha Vida, com recursos do FGTS. Na Bahia, R\$ 10 bilhões já foram investidos.

A Caixa investiu R\$ 175 bilhões no programa, e nessa parte do Brasil, aqui, tem a participação do Banco do Brasil e de outras entidades, que atuaram em municípios com menos de 50 mil habitantes. Chegamos, aqui, a quase 3 milhões de unidades do Minha Casa Minha Vida, com R\$ 191 bilhões investidos.

É como disse o vice-presidente do Banco do Brasil: é um investimento, uma válvula motriz que está empurrando o mercado imobiliário, tem ajudado o mercado imobiliário nesse momento de arrefecimento e tem mantido os investimentos e os empregos de muita gente em todos os estados e em todos os municípios.

Minha Casa Melhor. Os investimentos em móveis e eletrodomésticos para esse público que recebeu unidades do Minha Casa Minha Vida já tem o volume, no Brasil, de R\$ 1,22 bilhão, e na Bahia, R\$ 116 milhões. Na Bahia, já entregamos 48 mil unidades e já temos 41 mil usuários do Minha Casa Minha Vida que compraram móveis e eletrodomésticos através do programa.

Programas Sociais. Aqui são os números do Bolsa Família, mas queria frisar, aqui, os demais programas, deputado. A questão da seca. O Garantir a Safra e o Auxílio Emergencial Financeiro foram de extrema importância na transferência de recursos do governo federal no momento da seca, que foi muito difícil e continua difícil.

Vemos aqui a participação dos demais programas na Bahia, que tem um crescimento de quase 16%, exatamente pelo evento da seca, e o volume de repasse foi significativo neste ano de 2013.

Microcrédito Produtivo. Estamos experimentando ainda, aprimorando a cada dia, e já estamos com uma carteira de R\$ 900 milhões este ano, com a quantidade de 558 mil operações de microcrédito produtivo orientado.



Queria finalizar para falando da questão mais importante de todos esses projetos, de todos esses números, que é chegar até ao cidadão. Não adianta ter uma carteira de R\$ 10 bilhões, R\$ 100 bilhões, R\$ 500 bilhões se o cidadão não receber sua casa, seu saneamento, se seu filho está doente porque não há saneamento, se quem está sofrendo com a seca, lá no agreste, não está recebendo apoio naquele momento. Acho que o governo federal tem atuado muito fortemente com essa visão social, mas proporcionando aos bancos públicos a capacidade de serem rentáveis, porque é nossa obrigação também, no mercado, de se manter rentável e forte e cada vez mais crescendo com o desenvolvimento de políticas públicas com o governo federal.

Esse novo patamar que falei no início precisa, deputados, se pudermos fazer, de uma sessão com os órgãos de controle aqui. É uma coisa que vamos precisar muito para ter um crescimento no volume de recursos previstos para investimentos neste País. E esse novo patamar de investimento exige também um novo patamar de entendimento dos órgãos de controle.

E é nisso que precisamos avançar e manter os bancos públicos cada vez mais fortes, cada vez mais participantes das políticas públicas do governo federal em todas as suas instâncias, e reforçando cada vez mais – aí, falo com as palavras do nosso presidente, Jorge Hereda – a importância do funcionário da Caixa, do Banco do Brasil e do Banco do Nordeste. Sempre, em suas falas, ele repete: essas ações abnegáveis dos funcionários é que faz esses números acontecerem, mas, principalmente, entregar essa qualidade de vida ao cidadão brasileiro.

Então, vai, aqui, o agradecimento mais uma vez, que reforça, especialmente, a equipe da Caixa pelos números, pelos resultados e, principalmente, pelo benefício social que entrega às sociedades baiana e brasileira.

Muito obrigado. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Muito obrigado, Pithon.

(Não foi revisto pelo orador.)



7606-III

Ses. Esp. 08/11/13

Or. Alan Lacerda

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Dando sequência, vamos chamar o prefeito de Licínio de Almeida, Sr. Alan Lacerda, que fez questão de dar um depoimento na defesa dos bancos públicos.

O Sr. ALAN LACERDA:- Muito bom-dia a todos.

Quero saudar o presidente desta sessão, deputado Carlos Brasileiro, e na pessoa dele saudar todos os deputados que estão aqui presentes; saudar o vice-presidente do Banco do Brasil, Benito Gama, e na pessoa dele saudar todas as pessoas que representam esse segmento tão importante para o Brasil que é o setor bancário, sobretudo os bancos públicos brasileiros.

Na verdade, venho fazer, aqui, um depoimento rápido, mas penso ser absolutamente fundamental, porque quando estamos aqui, ouvindo os números, a quantidade de investimento, muitas vezes perdemos a noção de quem está na ponta, quem está numa cidade pequena, quem está ali efetivamente recebendo esse benefício e essa ação dos bancos. E é exatamente nessa linha que quero dizer.

Primeiro, a alegria de falar aqui sobre uma pequena cidade da Bahia chamada Licínio de Almeida, que recentemente tem-se destacado, sobretudo, por ter uma educação que neste momento apresenta os melhores índices do Estado da Bahia. Mas aos poucos, e principalmente a partir dessa parceria com o Banco do Brasil, tem transformado também sua face para o desenvolvimento sustentável.

E o fato é que estávamos lá numa pequena cidade baiana do Semiárido com o desejo e a vontade de buscar um caminho que nos permitisse caminhar no sentido do desenvolvimento local sustentável integrado. Aí, nós nos aproximamos inicialmente das cooperativas que existiam lá naquela região e viemos aqui à Superintendência do Banco do



Brasil buscar, no começo, um capital de giro para que elas pudessem dar conta do desafio de fazer tal desenvolvimento.

Entramos numa audiência de 15 minutos e ficamos ali cerca de duas a duas horas e meia conversando, sonhando, discutindo possibilidades. E dali saímos com a ideia de montar na minha cidade, Licínio de Almeida, uma estratégia que o BB já aplica em vários municípios brasileiros: a do DRS, o Desenvolvimento Rural Sustentável. Entretanto no meu município esse formato era mais amplo. Normalmente o DRS atua por cadeia. Mas a partir dessa conversa, desse entendimento, lá nós o desenhamos para toda a administração. E ela, a partir daí, passou a ser uma política pública que norteou e tem norteado todas as ações do nosso município.

Por exemplo, implantamos um comitê que discute a questão do desenvolvimento. Juntamos com essas cooperativas e daí fizemos planos desenvolvimentistas para principalmente cinco cadeias: cana, leite, mel, hortifrutigranjeiros e mandioca. Mas sem esquecer de todos os outros elementos que são envolvidos nesse processo de desenvolvimento econômico.

Quero também trazer dois dados que para mim impressionam a partir desse cenário todo. Temos um município que está no Semiárido brasileiro, que vive uma das maiores secas da sua história, Porém quadruplicamos a nossa produção de leite a partir da tecnologia social balde cheio, que foi financiada via Fundação Banco do Brasil. Mais do que isso: dobramos a nossa produtividade. E olhem que estamos, como já disse, numa seca que atinge muito fortemente os municípios brasileiros.

Um outro dado que considero importante, relevante tratar aqui, é o que chamamos de êxodo para esse trabalho nas lavouras de café e cana. Já temos mais de 50 chefes de famílias numa cidade pequena que dela não precisam mais sair. Não precisam mais sair da sua cidade, da sua casa nem do convívio da sua família para buscar o seu sustento fora, porque um programa chamado PAZ, de produção de hortifrutigranjeiros, já lhes permite sobreviver e tirar o sustento da sua terra.



Então, quis fazer um relato superbreve justamente para reconhecer a importância dos bancos públicos brasileiros. Poderia agradecer-lhes em nome do meu País ou do meu Estado. Mas quero fazer isso em nome do meu município, Licínio de Almeida. Portanto, o meu agradecimento e a celebração por ter parceiros tão importantes lá.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



7607-III

Ses. Esp. 08/11/13

Or. Moacir Carneiro da Costa

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Obrigado, Alan, por sua presença. Um belo depoimento falando da prática dos nossos bancos públicos.

Quero chamar o nosso superintendente da Caixa, colega Luiz Antônio, que acabou de chegar, para fazer parte da Mesa.

Convido a fazer uso da palavra o colega Moacir Carneiro da Costa, presidente da Associação do Pessoal da Caixa Econômica.

O Sr. MOACIR CARNEIRO DA COSTA:- Bom dia a todos, queria saudar o deputado Carlos Brasileiro e, em seu nome, saudar todos os presentes, colegas de bancos públicos, particularmente meus colegas da Caixa. Antes de parabenizar, eu devo agradecer pela realização desta sessão que serve para lembrar da importância dos bancos públicos para o desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

Não quero ser repetitivo, mas eu queria lembrar um pouco da importância da preservação das nossas instituições. A Caixa, o Banco do Brasil e o Banco do Nordeste, durante o governo de Fernando Henrique, passaram por sérios problemas, em vias de ser privatizados e foi uma luta das entidades de classe, como a Persef, que naquele momento se insurgiu, inclusive criando uma campanha: “Mais empregados para a Caixa” e “Mais Caixa para o Brasil”. Era muito mais do que preservar os interesses dos empregados da Caixa, que, às vezes, eram tratados pela população como marajás, assim como pelos colegas do banco do Brasil, e naquele momento estavam com seus empregos ameaçados; mas, com essa campanha, conseguimos reverter a situação e mostrar que o projeto que se implantou aí trouxe o Brasil para um novo patamar de desenvolvimento. Hoje o Brasil é o primeiro país em desenvolvimento a receber fábricas das principais montadoras de automóveis do mundo. E ninguém coloca negócio onde não tem dinheiro circulando.



Foi exatamente pela divisão de renda, a inversão daquilo que foi feito desde a época de Delfim Neto, de deixar o bolo crescer para depois dividir. Foi dividindo, que a gente cresceu. E a Caixa, o Banco do Brasil e o Banco do Nordeste têm um papel muito importante nisso. Sem querer deixar de falar aqui da importância, deputado, de dividir o bolo com os funcionários da Caixa. E, na última campanha salarial, conseguimos ampliar umas conquistas importantes, particularmente da participação nos lucros.

A preservação das instituições é muito importante, porque gestões e governos desastrosos trazem consequências que duram por anos. Vamos lembrar que desde o governo Lula se tenta fazer a FIOEL, se fez uma destruição dos investimentos em ferrovias lá em Juscelino Kubitschek, quando se parou de investir em ferrovia para se investir em rodovia. Quantos anos se passaram até hoje e ainda não se conseguiu ainda chegar a um nível para satisfazer os meios de transportes e o escoamento da safra do Oeste. Hoje são necessárias 900 mil carretas para transportar a safra do Oeste, e poderia estar sendo feito por via ferroviária em poucas viagens, a um custo muito menor, podendo fazer crescer muito mais o Oeste da Bahia, e crescer a Bahia como um todo, fazer crescer o Brasil.

Temos que lembrar da importância de preservamos um projeto que vem dando certo, um projeto que faz a Bahia e o Brasil crescer, porque o que foi feito durante o governo Lula e o governo Wagner multiplica-se ao longo dos anos. Ações desastrosas de gestões ruins também podem provocar danos que levarão anos para ser reparados.

Muito obrigado a todos e parabéns ao deputado pela iniciativa desta sessão.

(Não foi revisto pelo orador.)



7608-III

Ses. Esp. 08/11/13

Or. Emanuel de Jesus

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Convido para fazer uso da palavra o colega Emanuel de Jesus, presidente da Federação dos Bancários da Bahia e de Sergipe.

O Sr. EMANOEL DE JESUS:- Bom dia a todos e a todas. Vou saudar a Mesa na figura do presidente desta sessão especial, sintam-se todos saudados, porque o tempo é curto e a minha atuação aqui não é parlamentar.

Queria fazer uma correção, deputado Carlos Brasileiro. Na verdade, entramos em 1982, e eu ainda não estava à frente do movimento da Caixa Econômica, eu era líder estudantil, só vim ser transferido em 1984. Aí fui encontrar Alvorim(?) lá e fui participar da disputa da associação da Caixa, depois do sindicato junto com diversos outros companheiros. Então não sou tão velho assim. Eu gostaria de fazer uma abordagem distinta de todas as que foram feitas aqui. Falou-se dos números, da importância dos bancos, etc e tal. É óbvio, hoje é assim, mas, há alguns, durante a década de 80, o óbvio era o contrário; o óbvio era que nós éramos marajás, que os bancos públicos não davam lucro, de que nos bancos públicos tiravam dinheiro da sociedade. Não era essa a lógica? Bom, hoje a lógica é essa. Mas, e amanhã? Qual será a lógica? Nós tivemos um momento de neoliberalismo. Hoje o neoliberalismo está derrotado na América Latina, pelo menos do ponto de vista da fala. Mas e o futuro, como será?

E aí eu penso que uma sessão como esta - para nós continuarmos discutindo não só a importância, mas também a defesa dos bancos públicos - tem papel fundamental, porque eles hoje estão sendo atacados. E de uma maneira muito feroz. Mas não estão sendo atacados pelos bancos privados, pelo sistema financeiro. Os bancários do BNB, da Caixa, do Banco do Brasil e do Basa não são melhores nem piores do que os demais bancários. São trabalhadores, mas diferentes.



Quando você encontra um colega do BB de uma agência pioneira, onde provavelmente haverá uma possibilidade maior de assalto - e esse banco ainda detém a maior rede deste País; quando você encontra um colega do BNB de bota, indo para a fazenda ensinar ao produtor como é que faz para tomar um financiamento; quando você encontra um colega da Caixa Econômica metido dentro dum barco lá no Rio Amazonas, levando política pública aonde ninguém vai, nós temos que ter consciência de que esses são bancários diferentes. Essa categoria é diferente. Por isso, nós precisamos exigir um tratamento diferente.

O Augusto já falou aqui das lutas sindicais, das reposições das perdas, de tudo que nos tiraram na década de 90. Quero falar do mais importante que nos tiraram na década de 90. Lógico que o dinheiro, lógico que as condições de vida são muito importantes. Mas naquela década o governo Fernando Henrique, com o seu neoliberalismo, tentou tirar da nossa categoria a dignidade, tentou tirar da nossa categoria o respeito e a compreensão do seu próprio papel diante da sociedade brasileira.

E hoje o que está acontecendo? Conquistamos mais. Está melhor, tem uma PLR, o governo é mais democrático, boa parte de nós ajudou a elegê-lo. Ótimo, muito bom! Mas, e o que estamos formando? Como é o perfil do novo bancário que atualmente está dentro da Caixa Econômica Federal, do Banco do Nordeste do Brasil e do BB? É o mesmo perfil da geração de Admildo, em que um bancário aposentado da CEF colocou na pauta de reivindicações ter direito a um crachá de aposentado para poder entrar no banco como se funcionário fosse? É esse o perfil? Não. Estamos construindo um perfil distinto. Mas, ao construirmos um bancário público com perfil semelhante ao dos bancários da rede privada, nós estamos pondo em risco essas instituições públicas, porque quem defendeu e garantiu que elas continuassem a existir foi a garra, o suor, a luta dos seus bancários nas décadas de 80 e 90.

Mas, e essa garra? E essa tenacidade? Só podem continuar a existir se nós mantivermos uma cultura de que o bancário que entra na Caixa, que entra no Banco do Brasil, que entra no BNB entra para fazer a sua vida ali, e não apenas para passar um



tempinho. Porém só é possível fazer isso se nós valorizarmos esses empregados. E valorizarmos não só com salário, mas também com a perspectiva de encarreiramento. É preciso igualmente valorizarmos a perspectiva de eles colocarem nas suas cabeças o papel social que essas instituições têm. Não é no chicote, cobrando venda de papel, venda de seguro, venda disso e daquilo, impondo metas sobre metas, coisas que as administrações das instituições continuam a fazer, que nós vamos construir um novo bancário!

Nós vamos construir um novo bancário se esse bancário tiver a compreensão do papel social que os bancos públicos têm. Hoje ele é óbvio, todos concordamos, mas daqui a 10 anos pode não ser tão óbvio assim. E esse novo bancário tem de estar preparado para defender essas instituições, porque o setor público no Sistema Financeiro Nacional foi o baluarte não só no enfrentamento da crise financeira, pois também é o grande instrumento de desenvolvimento econômico deste País.

Portanto, nós temos que manter isso funcionando, nós temos que transformar os bancos públicos e as políticas traçadas por eles, inclusive a da valorização permanente dos seus funcionários, em política de Estado, porque os governos passam e os dirigentes das instituições entram e saem, mas quem as faz somos nós, os empregados! Como eu, que entrei em 82, tenho 31 anos de casa, 51 de idade e mais de 60% da minha vida dentro da instituição em que trabalho.

Eu tenho o orgulho de dizer que defendi a instituição. Mantivemos o Banco do Brasil, o BNB, a Caixa Econômica Federal e o Basa – Banco da Amazônia – vivos para sermos, hoje, um grande instrumento de desenvolvimento e um grande instrumento de inclusão social deste País!

Viva os bancos públicos! Mas, acima de tudo, viva a luta e a valorização permanente dos funcionários dos bancos públicos!

Muito obrigado. (Muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7609-III

Ses. Esp. 08/11/13

Or. Paulo Sérgio Rebouças Ferraro

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Muito bem, Emanuel, sempre contundente. Veja bem, quando eu falei do tempo da nossa idade e do tempo de Caixa Econômica Federal, foi no sentido positivo. (Risos) Os seus cabelos estão mais grisalhos do que os meus justamente porque andou nas trincheiras e na defesa deste seu discurso, aí, tão importante.

Eu quero chamar, agora, o nobre colega Paulo Sérgio Rebouças Ferraro para fazer a apresentação do Banco do Nordeste.

O Sr. PAULO SÉRGIO REBOUÇAS FERRARO:- Bom-dia a todos.

Eu estava comentando, ali, com nosso amigo Benito. Eu acho que botaram o BNB para falar por último, porque o Nordeste passa por uma seca muito grande. E eu vou ter o desafio, agora, de falar para todos vocês com fome. Isso é um grande desafio!

Cumprimento o deputado Carlos Brasileiro, presidente da Mesa, os deputados Marcelino Galo e Álvaro Gomes, aliás, este último, Álvaro Gomes, não só como deputado mas também como colega bancário; Paulo Sérgio Pithon, representando aqui a Caixa Econômica Federal; Augusto Vasconcelos, vice-presidente do Sindicato dos Bancários.

Cumprimento José Amâncio, representante da Associação dos Aposentados do BNB, porque, às vezes, a gente se esquece de quem fez a história da nossa empresa que são os ex-funcionários que, ainda, precisam e necessitam da força da instituição. Saúdo, também, não só a representação da AFBNB – Associação dos Funcionários do Banco do Nordeste do Brasil – mas como cunhado, também, Geraldo Galindo; o nosso superintendente no estado da Bahia, Jorge Bagdêve; toda a equipe do BNB; as equipes maciças aqui do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal.

Antes de falar de números, há sempre algo a dizer. Vejam, se a gente for fazer comparação de números, vocês me botaram em uma dificuldade muito grande, não é? Em



relação comparativa, os números do BNB estão bem longe dos números do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. Mas, pela sua capilaridade e pela sua participação também, o BNB ainda tem a sua representatividade em relação aos números, aliás, não só do Nordeste, mas da Bahia.

Bem, permita-me, Carlos, primeiro, parabenizá-lo e parabenizar esta Casa do Povo, porque nós estamos falando aqui e lembrando histórias de alguns anos. Nós lembramos as histórias de Celso Furtado e do Rômulo Almeida que falavam muito sobre a questão da desigualdade do Nordeste brasileiro em relação ao resto do Brasil.

E esta situação ainda é muito recorrente. Ressalte-se: não obstante os números apresentados de crescimentos bancários nos últimos anos ou na última década, o crescimento do Nordeste está acima da média no Brasil. Mas, nesse ritmo de crescimento, nós, ainda, estamos muito longe dos PIBs do Sul e Sudeste do Brasil.

E, aí, aumenta-se a importância da participação dos bancos públicos em suas ações de conjugar as decisões das políticas públicas e as suas ações estruturantes das políticas públicas com a disposição de investimento da iniciativa privada em prol, não da exploração do desenvolvimento do Nordeste, mas da ação formadora de geração de emprego e renda e desenvolvimento econômico.

Quando nós falamos em bancos públicos, nós temos de ter três pilares como base de desenvolvimento e de investimentos de recursos no Nordeste brasileiro. Quanto ao primeiro pilar, que ele seja fortemente de uma ação de preservação ambiental. Quanto ao segundo pilar, que ele tenha o desenvolvimento econômico estruturante para gerar emprego e renda. E quanto ao terceiro pilar, que ele seja socialmente justo.

Quando a gente vai ao passado para lembrar o que se aplicava no BNB especificamente, não há comparação plausível. Eu tenho certeza de que os outros bancos passaram por isso também. Sim, os recursos eram aplicados. Mas vou comparar aqui o período entre 2002 a 2012.

Nós aplicávamos R\$ 240 milhões no Nordeste brasileiro com o fundo constitucional. E, dentro desse número citado, mais de 50% desses recursos estavam



concentrados nas mãos de poucos. Hoje, nós falamos que aplicamos R\$ 12,5 bilhões do fundo constitucional e nós fazemos mais de 700 mil operações diretas desse Fundo. Quando falamos do Programa de Microfinanças – e a Caixa Econômica se insere nisso, Paulo, com o microcrédito orientado e assistido –, afirmamos que ele é fundamental para dar a oportunidade ao cidadão de ter acesso ao crédito.

Muita gente não tinha nem coragem de abrir a porta e entrar numa agência bancária, com medo de ser ofendido e não ter acesso ao crédito. Hoje, nem precisam ir ao banco para ter acesso ao crédito. E mais, com o Crédito Assistido, agora o financiamento não vem meramente com a orientação do processo de crédito. Vem também mostrando a importância para a sobrevivência e o crescimento. O empreendedorismo vem a partir da microfinança.

É por isso, Paulo, que não esgotamos... E você sabe bem que estamos levando ao conhecimento da Caixa Econômica e do Banco do Brasil a nossa experiência com o microcrédito, a nossa metodologia. Porque não se trata aqui de concorrência, trata-se, sim, de juntos somarmos nossos esforços de recursos públicos para chegar lá à ponta da sociedade, àqueles que têm mais dificuldade de se deslocar para ter acesso ao crédito.

Lógico que os bancos têm de ter a característica de aumentar a sua capilaridade, esta tem de ser a sua característica de sobrevivência. Mas não podem perder a sua característica principal da macroeconomia, que é gerar esse desenvolvimento naquele longínquo município. E o Nordeste brasileiro tem 69% dos seus municípios no Semiárido. É muito fácil para nós emprestar recursos na Região Metropolitana. É muito fácil para nós atingir investidores que chegam ao Nordeste brasileiro, logicamente, tendo a visão da oportunidade do negócio. Mas não é fácil chegar lá na ponta para emprestar a um pequeno que queira comprar 10 cabecinhas de gado para sobreviver.

É isso que faz a diferença do banco público. É isso que nos orgulha, aos funcionários das três instituições. Quando vi aqui Benito e Paulo citarem o Banco do Nordeste, o Banco do Brasil e a Caixa, repito as mesmas colocações: somos complementares na atuação desse papel. Aí é que vem a macroestratégia econômica, temos de estar atentos.



E aí está a nossa característica, posso dizer isso porque tenho 36 anos de Banco do Nordeste e estou há 6 anos e 4 meses na diretoria de Negócios do BNB, com o orgulho de representar a Bahia. Posso dizer, Carlos, que nesses 6 anos e meio só passei 10 finais de semana em Fortaleza. Por mais bonita e gostosa que seja aquela cidade, só passei 10 finais de semana lá. Não abro mão da minha raiz, da minha cidadania, de estar próximo aqui não só da minha família, mas dos meus amigos e da sociedade baiana, da qual me orgulho de fazer parte. Venho todo final de semana e não levei a família para Fortaleza porque quero conhecer também o dia a dia daqui, estar inteirado do que precisa ser feito para que o crédito chegue dessa forma. Por isso venho muito à região.

Não vou dar números porque estão na intranet, qualquer um pode saber. Queria me debruçar aqui neste *slide*. Temos um ativo total do BNB de 33 bilhões, e do FNE, 46 bilhões. O Fundo Constitucional, que o Banco do Nordeste hoje é o exclusivo aplicador de recursos, é oriundo do IPI e do Imposto de Renda em nível nacional. Temos o ingresso anual em torno de 5,5 bilhões desse 1,8%. Só que aplicamos 12. Ou seja, já aplicamos mais da metade dos recursos com reingresso dos seus pagamentos. Para quem dizia na década passada que destinar esse 1,8% dos recursos no Nordeste era colocar em risco o capital do Fundo, está aí provado que não é. Está aí provado que naquela época você tinha uma aplicação de 240 milhões, de 2002, e que historicamente naquele ativo de 18 anos de existência do Fundo, você tinha uma inadimplência de 36%. Hoje temos um ativo do FNE de 33,8 bilhões com uma inadimplência inferior a 3%. Sabem o que quer dizer isso? Pulverização de crédito: emprestar para quem precisa e que tem a honra de pagar e que transforma aquilo em geração de oportunidade. E o BNB como complementar com seus recursos, não o banco comercial meramente de lucro, mas principalmente de completar a sua ação do fundo constitucional na sua ação de sustentabilidade por seus custos fixos.

Veio agora, e aí me lembra, conversando com Benito que foi diretor da Sudene, que foi um esforço muito grande da Sudene para que os recursos do FDNE, que é o Fundo do Desenvolvimento do Nordeste – passasse a ser um recurso financeiro também. Que quer dizer isso? Um ingresso que vinha do Tesouro para o fundo constitucional anualmente ou até



o seu reingresso com os pagamentos, ele não retornava para o fundo, dependia sempre do ingresso anual. Sabem o que vai acontecer daqui a 10 anos? O FDNE vai ter um ativo de 50 bilhões, quase maior do que o FNE ou talvez igual ao do FNE.

Então, vamos ter dois fundos para fomentar o desenvolvimento. E Benito, na época, participou como diretor nessa discussão ampla, que foi uma grande conquista para a região o FDNE existir como complemento para o investimento de infraestrutura prioritário. E aí o que vai fazer a diferença do Nordeste, seja ela na região metropolitana, seja ela na sua interiorização do processo de desenvolvimento, é a partir da infraestrutura gerar motivadores da classe empresarial chegarem lá na ponta. Mas nunca perdendo de vista que a partir desse investimento eles também têm que apoiar com investimentos sociais que gerem a melhoria da qualidade de vida daquela região ou daquele município que está tendo a oportunidade do crédito.

Quero aqui, em quantidade de operações, também dizer, peguei em 2008, para não ser muito longo o período, tínhamos 1 milhão 757 operações globais do banco para 3 milhões e 800 no período de 5 anos. E comparando-se proporcionalmente de janeiro a setembro que foi o período que chegamos, realmente comparando-se 2012 com 2013 aumentamos em 12,5% a quantidade de operações globais do banco.

(Apresentação de slides.)

Aí, em valor, saímos de aplicação de 13 bilhões em 2008 para 22,8 bilhões em 2012, e comparando-se o mesmo período de 2012 e 2013, já tivemos um crescimento de valor global aplicado de 15,7% a mais.

Aí são as operações de longo prazo e que 90% disso foram a partir do fundo constitucional. Aplicamos 9 bilhões/ano em 2008 e aplicamos 12,5 bilhões em 2012. E já nesse ano, comparando-se o mesmo período de janeiro a setembro, conseguimos aumentar em 52% do mesmo período de janeiro a setembro do ano passado, e que vai nos dar a grata satisfação de estar acima de 70% a mais das aplicações do FNE no banco.



Aí é o curto prazo, é o que falei como complementar. Aí é o fundo constitucional. Vocês observam bem aí que saímos de 7,6 bilhões do FNE, em 2008, para 11,5 em 2013 como meta. E, certamente, vamos superar os 12 bilhões até o final do ano.

Aí é a contratação para mostrar a característica que a gente reverteu o modelo da concentração do recurso onde o banco, em 2012, e prevalece de 2003 para cá essa política de aplicar a maior parte dos seus recursos no mine e pequeno empresário, que temos como desafio superar os 50%: o grande, 39% e o médio, 12%. E esse ano aumentando e passando realmente o nosso desafio para 2013, que era ter a maioria dos recursos do fundo constitucional aplicados com o mine e pequeno, e já alcançamos a marca de 53,1, ou seja, 3% a mais do que prevíamos, e a tendência era manter isso, ou até aumentar a participação no Fundo Constitucional do micro e pequeno produtor rural, ou micro e pequeno empresário.

(Apresentação de *slides*.)

Aí é o da Bahia. Fazendo o mesmo comparativo, já estamos com 48,1% para o mini, pequeno e pequeno médio, seja na área urbana ou rural.

Nesse é o Fundo Constitucional também em quantidade. Observem que em quantidade, mais de 99% dos nossos recursos estão aplicados com o mini e pequeno empresário, mini e pequeno produtor rural. Está clara a política do Fundo Constitucional revertendo uma pirâmide de acesso ao crédito.

Nesse, em quantidade, a Bahia também mantendo a mesma paridade com a do banco, 99,57% no ano passado, e este ano, 99,74%.

É muito importante falarmos sobre isso. Por setor econômico, nada obstante o Nordeste brasileiro ter a sua maior atuação no crédito rural. Era no crédito rural 85% dos recursos do financiamento do FNE de 2003 a 2005, historicamente para trás. Nada contra o crédito rural, muito pelo contrário, é a área em que se precisa de mais recursos.

A diferença é feita na oportunidade dos setores não rurais. Sabemos que há muita participação de empresas no Nordeste, 67%, seja na área urbana, rural, comércio e em



serviço. É no comércio e serviço que estão as atuais empresas de pequeno porte, das micros e pequenas empresas.

Então, a partir de 2005 – quando o FNE passou a financiar a área de comércio e serviço –, aumentou a oportunidade de emprego através do crédito, porque o comércio e serviço gera mais emprego, o que ajudou. Este é o primeiro ponto.

Segundo ponto. Quando havia uma concentração de 79% dos recursos do FNE no crédito rural, que tem uma característica própria. Havia a dependência, de quatro em quatro anos, do ingresso dos recursos de 1,8%. Por quê? Porque no crédito rural são 12 anos, na parte de investimento durante os quatro primeiros anos não retorna, porque ele é capitalizado, tanto o principal como os outros.

Quando é diminuído do crédito rural, que passa a ser 40% hoje, os 60% que têm prestações mensais têm carência menor, e durante a carência paga juros trimestrais, e os 60% retroalimentam o fundo. É por isso que aplicamos 2,3% do pagamento hoje. Isso não quer dizer que o crédito rural foi prejudicado, porque quem aplicava R\$ 1 bilhão, com 80%, eram 800 bilhões. Quem recebe 40% de 12 bilhões, é muito mais.

Então, fizemos a distribuição dos recursos com setores econômicos bem pulverizados, o que é uma tendência natural – precisa ter atenção nisso, porque é importante, seja no que diz respeito à região metropolitana, seja de região mediana.–, vocês podem perceber, fica muito claro que as cidades medianas, entre 100 mil e 500 mil habitantes, têm crescido fortemente com a migração de quem está na área urbana, que está buscando melhor qualidade de vida. Isso a partir dos investimentos públicos também.

Falou-se aqui, tanto Benito, quanto Paulo, que existem investimentos para a saúde na rede hospitalar, nas universidades públicas ou privadas no interior, educação e saúde, o que são condições básicas para as pessoas se estabelecerem no interior. Esses investimentos estão fazendo as pessoas migrarem da região urbana para o interior, ou as que estão no interior não terem a necessidade de vir à capital.



Isso gera oportunidade de negócios. Estão sendo feitos investimentos nessas regiões medianas, que contribuem para a distribuição do PIB do Estado, na interiorização do processo. Os bancos públicos são fundamentais com relação a isso.

Esse é um cenário que precisa ser visto por esta Casa. Nós temos atuação e podemos fazer mais a partir dessa ação, da multiplicação do investimentos dos recursos públicos para empresas de pequeno e médio portes no interior do Estado, contribuindo com a política do Estado, que é a distribuição e a interiorização do processo de desenvolvimento. Esse trabalho é fundamental.

Em termos de valores, os setores são distribuídos da mesma forma que acabei de falar. Essa é a distribuição do que aplicamos do Fundo Constitucional por mês.

Aqui, faço questão de fazer um adendo. Quando assumimos a diretoria do banco em 2007, a Bahia tinha 30% da participação dos recursos do FNE aplicados historicamente. E tenho a obrigação de prestar contas disso nesta Casa, porque já fui dementado por esse aspecto. Por que a Bahia sai de 30 para 23%, 24% e 25% por ano e está perdendo no percentual? Mas é importante dizer que mesmo sem esses 4% que estão sendo diminuídos em percentual, e não em valor absoluto, a Bahia contribuiu decisivamente, nos últimos 6 anos para, cumprir o papel do Fundo Constitucional.

Esse fundo veio para o Nordeste com qual objetivo? Diminuir a desigualdade no Nordeste brasileiro em relação ao resto do Brasil. E não era justo que fizessemos a questão interna do nosso Nordeste com a concentração de recursos do fundo em três estados: Bahia, Ceará e Pernambuco.

Poderia a Bahia continuar tendo 30%, 40% e 50% dos vários fundos, mas não era justo, pois há estados como Piauí, Sergipe, Alagoas e outros que não chegavam ao mínimo exigido por lei, que era de 4,5%. E, hoje, é melhor se ter 24% de 12 do que 30% de 3 e fazer a distribuição desses recursos com os estados, favorecendo a que não haja desigualdade inter-regional, porque é esse o papel do fundo.

Não estamos apenas para defender o interesse da Bahia, mas do Nordeste todo, e dando a oportunidade a todos os estados sobre esse aspecto. É bom que fique bem claro isso,



porque podem bater nessa situação de que diminuimos de 30% para 24%, mas contribuimos com esse papel decisivamente.

Em quantidade de operação, temos 67% no Semiárido e outras regiões. É muito interessante esse aspecto, porque – já se está trabalhando para o próximo ano, ouviu, Benito? Você, que participou da Sudene - haverá a questão da compatibilidade dos recursos do Fundo Constitucional, não só pela questão pluviométrica do Semiárido, mas da densidade econômica.

É fundamental isso, porque está dito na lei que o Fundo Constitucional tem que integrar sua ação política com a política de desenvolvimento regional, a qual estabelece que os recursos têm que ser, em sua maioria, aplicados onde há economia estagnada ou baixa densidade econômica. E ela será feita dessa forma, inclusive, com taxas diferenciadas para as economias estagnadas e com baixa densidade. Isso é muito importante que fique explícito aqui.

Os valores contratados por estado em relação ao Pronaf, que tem suas características, temos 20% dos nossos recursos. A Bahia representa a maior participação no Pronaf, e o BNB é responsável pela maior parte da agricultura familiar. E é muito bom que também venham a Caixa e o Banco do Brasil nesse trabalho, porque, para nós, a estrutura é muito pequena para atender à demanda do Nordeste brasileiro pelo Pronaf. Os demais bancos sejam bem-vindos!

Para encerrar, aqui, como o deputado Carlos Brasileiro colocou em seu pronunciamento, prestarei contas das aplicações do BNB para ajudar no combate à seca no Nordeste. Até o momento, fizemos 101 mil operações contratadas na Bahia, deputado Carlos, com aplicação de R\$ 626 milhões. Isso é muito importante, porque a questão não é só a preservação das pessoas no campo, mas também dar a oportunidade de regularizarem as suas situações de crédito e terem a oportunidade de acesso ao crédito de novo, através dessa lei que foi criada. Então, esses R\$ 626 milhões trazem a oportunidade de novos créditos àquelas pessoas afetadas pela seca. E isso não é apenas um paliativo. Faz parte de um conjunto de estratégias que precisam estar cada vez mais vivas na mentalidade de todos nós.



Não podemos combater a seca, temos de criar políticas de convívio com a seca, e é fundamental o crédito em relação a esse aspecto.

Agradecendo em nome do nosso presidente Ari Joel. Digo isso com muita satisfação porque, ao falarmos em bancos públicos, temos seis diretores no BNB, quatro da Casa, um colega da Caixa e um colega do Banco do Brasil. Mostramos que os bancos públicos estão unidos nessa visão de desenvolver o Nordeste brasileiro e a Bahia.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



7610-III

Ses. Esp. 08/11/13

Or. Geraldo Galindo

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Obrigado, Ferraro.

Vamos convidar para fazer uso da palavra o colega Geraldo Galindo, diretor da Associação dos Funcionário do BNB.

O Sr. GERALDO GALINDO:- Bom dia a todos e todas.

Gostaria de parabenizar o deputado Carlos Brasileiro pela convocação desta sessão, sessão esta que, provavelmente, terá pouca repercussão na Imprensa, uma vez que esta gosta de dar repercussão para fatos pouco republicanos da nossa política.

Companheiros como Carlos Brasileiro, Marcelino Galo, Álvaro Gomes, são parlamentares que honram a política, fazem a política com P maiúsculo.

Gostaria de fazer uma saudação especial ao meu companheiro Álvaro Gomes, que está na Mesa junto com Carlos Brasileiro. Álvaro Gomes foi presidente do Sindicato dos Bancários no período sombrio do neoliberalismo. Já naquele período, quando esses bancos eram ameaçados, Álvaro dizia: “esses bancos têm função social”. Lembra-se, Álvaro? Queriam fechar agências porque, supostamente, eram deficitárias. Iam esvaziando e sucateando os bancos para serem privatizados, e na trincheira, naquele período de luta muito difícil, estava o companheiro Álvaro Gomes.

Quero registrar a presença do companheiro Amâncio, aposentado do BNB, maratonista, representante dos aposentados do BNB aqui na Bahia, e os companheiros do BNB que aqui estão nesse momento.

Carlos, a Associação dos Funcionários do Banco do Nordeste nasceu em 1986, e já nasceu pensando na defesa dos bancos públicos como instrumentos importantes para a política e desenvolvimento deste país. Já nasceu assim.

Benito Gama falou sobre o FME. A nossa associação já nasceu fazendo a luta por recursos estáveis para a região Nordeste e para o Banco do Nordeste, e hoje temos o FME



como principal fonte de financiamento do banco. Volta e meia, vemos discussão para que flexibilize, a fim de que outros bancos venham a fazer a operação desse fundo, e o BNB está permanentemente vigilante na defesa da exclusividade do BNB para essa fonte de recurso para o Nordeste.

Vivemos num país com diversas desigualdades, são muitas. No período de dez anos foi possível avançar e avançamos muito. Os dados informados demonstram avanços extraordinários no que diz respeito ao fortalecimento dos bancos oficiais na aplicação de políticas do governo federal. Isso é muito importante.

Mas as desigualdades permanecem no país, e uma delas são as desigualdades regionais. Isso é um problema gravíssimo no país, Vivemos em dois “Brasis”, o Brasil do Sul, que tem um desenvolvimento razoável, e as regiões Norte e Nordeste, onde as condições de vida do povo ainda são muito sofridas e bastante diferentes das outras regiões.

Para encerrar, já que o apito soou, gostaria de dizer aos companheiros dirigentes dos bancos públicos que estamos otimistas em relação ao futuro. Como disse o companheiro Emanuel, é necessário pensar que, para que esses bancos sejam o que queremos que sejam, é preciso cada vez mais valorizar os funcionários. Da forma como está, essa valorização não está aparecendo ainda. Esses bancos não podem ser um trampolim para que o funcionário entre já pensando no concurso que ele fará adiante para arranjar um emprego melhor. É preciso ter uma carreira estável. Então, deve haver um papel de desenvolvimento no banco público, e o seu funcionário tem entrar no banco público pensando em cumprir a sua carreira até o final, e não apenas em fazer bico transitório.

Então é isso. Parabenizo novamente o deputado Carlos Brasileiro, e deixo um abraço da Associação dos Funcionários do Banco do Nordeste do Brasil. Nós entregamos ao deputado um documento feito por nós, pelo nosso corpo técnico com políticas de desenvolvimento para a região Nordeste. Está entregue e fotografado, e nós vamos publicar no site da entidade.

Um abraço a todos.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Obrigado, Galindo pela sua participação.

(Não foi revisto pelo orador.)



7611-III

Ses. Esp. 08/11/13

Or. Luiz Antônio de Souza

A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Convidamos, agora, o penúltimo orador inscrito – sei que já estamos, aqui, há duas horas e todos tem de voltar as suas agências e superintendências –, o colega Luiz Antônio de Souza, superintendente da Caixa Econômica Federal, para fazer uma breve saudação.

O Sr. LUIZ ANTÔNIO DE SOUZA:- Boa-tarde a todos. Quero começar a minha fala agradecendo a deferência do colega economiário e deputado Carlos Brasileiro em me convidar para fazer um cumprimento a todos, até porque a Caixa já teve a oportunidade de se pronunciar através de Paulo Pithon, e para falar da importância do trabalho, mais particularmente para levar as informações de tudo aquilo que faz parte da nossa missão diária.

Para não me alongar, quero cumprimentar todos os companheiros da Mesa e das instituições, na pessoa do próprio deputado Carlos Brasileiro, e agradecer e parabenizá-lo por uma oportunidade com essa que, de fato, faz diferença.

Seria muito importante que tivéssemos esta Casa totalmente lotada, percebendo o que a Caixa, o Banco do Brasil e o BNB fazem para transformar a vida do cidadão brasileiro. Aqui, o companheiro, amigo e quase conterrâneo, porque tivemos a oportunidade de trabalhar juntos em Barreiras, quando ele era gerente geral do Banco do Nordeste e eu da Caixa, trouxe os nossos principais sentimentos. Primeiro que, quando ele diz que tem 36 anos de banco, demonstra que nós todos, bancários dessas instituições, temos um orgulho imenso de fazer parte desta missão. E aí eu lembro que todas as vezes que me pronuncio, sempre digo: hoje, tenho 37 anos, 4 meses e 7 dias na instituição Caixa Econômica Federal para frisar que temos uma responsabilidade maior, que é deixar como legado as histórias do que os bancos Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste e Banco do Brasil vêm construindo por este País.



Eu fui de um tempo em que muitas agências estavam sendo fechadas. Cheguei a perder uma promoção, porque disse que era contra o fechamento de unidades, naquela época centralizadas na matriz de Brasília. Alguém me perguntou: “O que você acha do fechamento das agências?” E eu disse: “Acho que já fechou demais.”. E nisso eu perdi a oportunidade de crescer no cargo. Poucos sabem disso.

Se, hoje, estou representado a Superintendência da Caixa em Salvador e, ao longo de toda a nossa história – vemos tantos companheiros já aposentados, e eu, aposentado há mais de 5 anos, continuo na Caixa – é porque gostamos, é porque sabemos o significado do que é fazer desenvolvimento econômico e desenvolvimento social. E aí é muito importante – como disse o Emanuel que também falou dos seus 30 e poucos anos de idade na Caixa, como diz o brasileiro – que saibamos o que é preciso fazer no todo.

Nós, enquanto gestores, as associações e os sindicatos, enquanto entidades representativas, precisamos fazer o nosso melhor, e é assim que a gente vem dialogando sempre. Está aqui o Augusto, representante do Sindicato dos Bancários. Quantas vezes a gente senta e discute? É preciso que o sindicato e as associações cumpram o seu papel, e é preciso que nós todos, gestores públicos, cumpramos o nosso papel, porque é assim que a sociedade vai dizer: vale a pena, vai defender. Não tenho dúvidas de que teremos vida perene, porque estaremos fazendo aquilo que a sociedade precisa.

Quando recebemos um título de Membro Honorário da Força Aérea Brasileira – é exatamente por isso que eu não pude estar presente desde o início –, isso não é só para a Caixa, isso não é para mim, pessoa, Luiz Antônio, é para o representante e gestor da instituição que é valorizada pelo reconhecimento aos trabalhos que são feitos. Eu compartilho com meus colegas, mas estendo a todos os companheiros que aqui estão, porque isso é valorização do segmento diferenciado das instituições financeiras públicas.

Um abraço a todos. Muito obrigado. Parabéns pela iniciativa, deputado. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Obrigado, companheiro Luiz Antônio.

(Não foi revisto pelo orador.)

**7612-III****Ses. Esp. 08/11/13****Or. Álvaro Gomes****A importância dos bancos públicos no desenvolvimento da Bahia e do Brasil.**

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Gostaria de fazer alguns registros, antes de o deputado Álvaro Gomes se pronunciar. Quero informar que esta sessão está sendo filmada pela *TV Assembleia*. Aproveito para agradecer a todos os servidores da *TV Assembleia* pela cobertura e pela presteza que sempre tiveram para cobrir esses eventos, principalmente às sextas-feiras, porque volta e meia ficam ansiosos para que não aconteçam sessões especiais neste dia. Mas, quando há, eles ficam aqui no batente para nos honrar com as suas presenças e fazer esta cobertura maravilhosa.

Aproveito para dizer que as falas e apresentações – até como sugestão do ex-deputado Benito Gama – serão reproduzidas e enviadas aos gabinetes dos colegas deputados que não puderam comparecer.

Quero agradecer às taquígrafas pelo trabalho maravilhoso que fazem; à equipe de apoio, D. Conceição, D. Rita e João; ao Cerimonial desta Casa, nas pessoas de Cleide, Renata, Letícia, Adriana e Patrícia; aos outros servidores da Assembleia; à nossa equipe do gabinete, Vera – que é até aposentada da Caixa –, Débora, Tatiana, Jean, Cleide, Murici, Pedro, Gilvan e Betinha; aos agentes de portaria. E também agradeço, de maneira especial, a Yeda Brito, do BNB, a Wanger Antônio, do BB, e a Pithon e a Anselmo, da CEF, que, juntos com o nosso gabinete, coordenaram este evento. Desde o início, mostraram muito entusiasmo, muito compromisso e muita paixão, por isso esta sessão está sendo tão brilhante.

Para encerrar, quero agradecer a presença de todos e dizer que esta sessão foi muito importante. Embora, como disse o Galindo, a imprensa não cubra sessões como esta, faremos a divulgação e a propagação deste evento por toda a Bahia, porque é de uma relevância extraordinária.



O mais importante é o que conseguimos fazer aqui: colocar agentes e colegas da Caixa Econômica, do Banco do Brasil e do BNB e representações dos trabalhadores de todas as instituições no mesmo patamar, coisa que há 10 anos era muito difícil.

Parabéns a todos por terem vindo e obrigado pela participação.

Passo a palavra ao deputado Álvaro Gomes, colega e companheiro bancário.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Para mim é um prazer muito grande participar deste ato importante. Parabenizo o deputado Carlos Brasileiro por esta iniciativa brilhante.

Carlos Brasileiro é uma revelação na Assembleia Legislativa. Ele foi também uma revelação como prefeito, depois veio para o Poder Legislativo. Claro, muito experiente em outras áreas, mas, como parlamentar, está no primeiro mandato, entretanto tem se destacado por sua habilidade, coerência, firmeza e serenidade. É um prazer muito grande tê-lo como colega, deputado. Esta Assembleia Legislativa ganha muito com a presença de Carlos Brasileiro.

Quero saudar a todos os demais.

Antes de começar a sessão, eu dizia ao vice-presidente do Banco do Brasil, Benito Gama, que me sentia em casa, porque aqui estão bancários de longas lutas. Ficamos muito satisfeitos em debater assuntos tão importantes como este dos bancos públicos.

Não estaríamos debatendo este tema se não fosse a intensa luta da sociedade, dos trabalhadores, das trabalhadoras, dos bancários, das entidades sindicais; e também se não fosse a nova situação política que vivemos, a partir da eleição do presidente Lula. Na realidade, era uma exigência do Fundo Monetário Internacional – a quem hoje o Brasil não deve mais – privatizar os bancos públicos federais. Aliás, era uma exigência privatizar todos os bancos. Quem primeiro denunciou esse documento do FMI, do Banco Mundial, fomos nós, do Sindicato dos Bancários. Constava nele toda a regra, toda a cartilha de privatização de todos os bancos públicos. Os estaduais foram, praticamente, privatizados, e os bancos públicos federais estavam num estágio avançado de privatização, muito avançado.

Felizmente, a sociedade conseguiu reverter essa situação. Então, nem estaríamos discutindo esse assunto aqui se não fosse a luta da sociedade.



A situação era tão grave que organizamos um livro: “O trabalho no Século XXI”. Nele há um artigo que eu escrevi sobre emprego, desemprego, sofrimento mental, impactos do neoliberalismo. Eu pegava exatamente o Banco do Brasil, os bancos federais, mais especificamente o Baneb, que foi extinto.

A taxa de suicídios no Baneb, por exemplo, era de 35 para 100 mil habitantes, enquanto no geral, aqui, na Bahia, era em torno de um suicídio para cada 100 mil habitantes. No Banco do Brasil, em torno de 20, 25 suicídios para cada 100 mil habitantes, enquanto que o normal, no Brasil, era de três para cada 100 mil. Então, o sofrimento mental, a situação, era muito grave.

Aqui, a gente chegou a uma situação que no Banco do Nordeste, por exemplo, não podíamos nem fazer a eleição do sindicato. Pela primeira vez na história, mesmo na época da ditadura, você conseguia fazer a eleição do sindicato. Mas a direção do Banco do Nordeste proibiu a entrada, não entrava nem parlamentar. O banco travou uma guerra terrível com o sindicato.

De repente, chega às minhas mãos um extrato bancário do superintendente. Bom, chegou às minhas mãos esse extrato aqui, eu vou ter que divulgar, não tem jeito. Divulgamos o extrato do superintendente do Banco do Nordeste, que tinha uma conta no Bradesco. E o que entrava na conta dele não era compatível com seu salário. Eu pensei: “Já que chegou às minhas mãos, não fui buscar, não pedi a ninguém, trouxeram aqui, vou ter que divulgar, mesmo que tenha processo e tal”. Divulgamos.

Ai, o “cabeça branca”, disse: “Depois desse extrato não dá mais para segurar o homem, não”. Terminou ele sendo demitido por justa causa. Então, era essa a realidade dos bancos públicos.

Quero saudar o vice-presidente de Governo do Banco do Brasil, o ex-deputado Benito Gama; o consultor da vice-presidência de Governo, em Brasília, da Caixa Econômica Federal, Paulo Sérgio Pithon Sarno; o diretor de Negócios do Banco do Nordeste, Paulo Sérgio Rebouças Ferraro, também uma revelação. Conheci Ferraro há muito tempo, em Barreiras, quando andávamos por lá. Ele como gerente em Barreiras. Hoje, ele é esse



destaque nacional. Não que os outros não sejam destaques, mas é que a gente conhece Ferraro mais de perto; saudar Augusto Vasconcelos, vice-presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia, um jovem lutador, guerreiro, que tem-se destacado no movimento sindical; o presidente da Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe, Emanuel de Jesus, guerreiro, há muito tempo dedicado às lutas; o superintendente da Caixa, Região Metropolitana, Luís Antônio; o superintendente Regional Norte da Bahia da Caixa Econômica, José Raimundo Cordeiro; o superintendente estadual do BNB, José Antônio de Oliveira, mais ninguém conhece ele por esse nome, é conhecido como Bagdeve; o superintendente Estadual de Negócios, Varejo e Governo no Estado da Bahia do Banco do Brasil, Luiz Alves Pordeus Júnior; o presidente da Associação de Pessoal da Caixa Econômica Federal, Moacir Carneiro; o presidente da Associação dos Economiários Aposentados, Ademilton Ferreira Lopes; o diretor da Associação dos Funcionários do BNB, Geraldo Galindo; Selma Santos; Alan Lacerda, prefeito de Licínio de Almeida.

Todos aqui, praticamente, grandes lideranças, importantes nessa luta, mais Antônio Messias, que é o presidente do Conselho Deliberativo da Fenag, Cássio, Agnelo, que são de Agecef, e todos os demais presentes aqui.

Eu gostaria de dizer que hoje estamos numa situação privilegiada com todas as ressalvas, com as quais eu concordo, de Augusto, de Emanuel, realmente precisamos fortalecer o funcionalismo tendo em vista da sua dignidade, combater o assédio moral, buscar sempre fortalecer os recursos humanos como forma de fortalecer as instituições, porque na medida em que os recursos humanos não são fortalecidos, nós enfraquecemos as instituições.

Eu diria que hoje vivemos uma situação em que o Brasil tem se destacado e tem melhorado muito, e isso em função de vários fatores, entre os quais a questão dos bancos públicos, no enfrentamento da crise internacional, e observamos o papel que tiveram e estão tendo os bancos públicos no nosso País.

Alguns dados, por exemplo: o Banco do Nordeste aplicava R\$ 260 milhões do Fundo Constitucional, FNE, em 2002, e hoje a aplicação é de R\$ 11 bilhões. Então, há uma



diferença. O fortalecimento do papel que esses bancos vêm jogando para a sociedade é muito grande. A Caixa Econômica, o Banco do Brasil, com o aumento do crédito, o investimento que vêm fazendo junto com a sociedade, num investimento extraordinário, têm contribuído para reduzir as desigualdades sociais.

Sempre fizemos campanha de fortalecimento dos bancos públicos e da sua defesa. É uma campanha permanente, até mesmo no governo democrático, porque sempre devemos estar defendendo a transparência, o investimento naqueles que mais necessitam, investimento social para que possamos desenvolver este país. Portanto, acho que estamos vivenciando esse momento de fortalecimento dos bancos, porque brigávamos contra o fechamento das agências, e hoje estamos vendo novas agências sendo abertas no Brasil inteiro.

Estávamos no dia a dia, no cotidiano, fazendo contestação, greves, mobilizações, protestos, porque era uma agência fechada num interior, outra em outro interior e hoje estamos vendo a expansão desses bancos no número de funcionários e de agências e nos investimentos, que são grandes. Por exemplo, os bancos públicos em 2000 tinham 16 mil agências, número que aumentou para 21 mil em 2011.

Os correspondentes bancários, que são outro detalhe, contribuem para a bancarização. Foi um aumento extraordinário e é outra discussão, pulou de 13.700 para 170 mil. Representavam 125 milhões de operações em 2000, indo para 3 bilhões e 400 milhões em 2011.

Observa-se o crescimento do acesso da população aos serviços bancários e investimentos, principalmente de todos os bancos públicos, seja na agricultura, seja na questão da moradia popular, nos setores importantes da economia, como é a questão da microempresa. Portanto, os bancos públicos possuem hoje uma importância extraordinária. Por exemplo, no setor habitacional, os bancos públicos representam 77% das operações, ou seja, pularam de R\$ 20 bilhões em 2002 para R\$ 214 bilhões em operações no setor habitacional.



Portanto, observamos um crescimento extraordinário do investimento em nossa economia, seja na microempresa, no desenvolvimento industrial de uma maneira geral, na moradia popular e na agricultura.

Os bancos públicos estão presentes em todos os segmentos da sociedade, principalmente naqueles que precisam de investimentos para melhorar as condições de vida da nossa população.

Portanto, nobre deputado Carlos Brasileiro, parabéns por esta iniciativa!

Vamos continuar essa luta. Já houve muita melhora, mas precisamos melhorar ainda mais.

Estávamos discutindo que precisamos fortalecer mais o Banco do Brasil, a Caixa Econômica e o Banco do Nordeste aqui, na Bahia. E discutimos também a questão do esvaziamento do *call center*, se há esvaziamento ou não. Em nossa opinião, há, sim. O *call center* precisa ser fortalecido.

E precisamos ter um número maior de trabalhadores bancários. O Banco do Brasil precisa convocar os concursados para fortalecer-se ainda mais. O banco precisa de mais bancários, assim como os demais, que precisam convocar os concursados, e vem convocando. Precisamos que todos os aprovados sejam, realmente, contratados, para que tenhamos bancos públicos cada vez mais fortes, servindo à população cada vez mais.

Um grande abraço a todos os colegas bancários e a todas as diretorias dos bancos públicos!

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Muito obrigado, deputado Álvaro Gomes, por sua fala.

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 08/11/13

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Brasileiro):- Para encerrar, quero registrar a presença de membros da Fenag - Federação Nacional de Gerentes da Caixa Econômica; da Agecef - Associação dos Gestores da Caixa Econômica; da companheira deputada Fátima Nunes, que também tem muita relação com os bancos públicos, daí a importância de sua presença. Quero dizer que a deputada Fátima Nunes é a nossa Rainha do Sertão. Se Feira é a Princesa do Sertão, Fátima Nunes é a Rainha do Sertão, mulher que desbrava o interior do Estado, principalmente o Semiárido baiano, sofrendo e festejando as conquistas do povo da região.

Quero ler, aqui, uma mensagem do governador Jaques Wagner, direcionada ao deputado Marcelo Nilo e a nós, propositores desta sessão.

(Lê) *“Ao cumprimentá-lo cordialmente, agradecemos o convite para o evento acima mencionado, no entanto, em função de compromissos previamente agendados não será possível a presença do Excelentíssimo Sr. Governador Jaques Wagner.”*

Está feito o registro.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço pelas presenças às autoridades civis, militares e eclesiásticas, às Sr^{as} Deputadas e aos Srs. Deputados, à imprensa, a todos os colegas do Banco do Brasil, da Caixa Econômica e do Banco do Nordeste.

E damos por encerrada a presente sessão.

Que retornem todos para suas casas na paz de Deus!